O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 15 DE SETEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:726

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—MARINHO DA CRUZ.—A QUESTÃO DO SURDO-MUDO D'OVAR.—A LEI DO RECRUTAMENTO.—O ULTIMO IMPRESTIMO.—VERDADES.—PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS.—IMPORTANTE.—DIREITO DE PETIÇÃO.—CARTA DE LISBOA.—NOTICIARIO.—OCREDITO PORTUGUEZ.—REFORMAS AGRICOLAS.—A EXPOSIÇÃO DOS VINHOS EM BERLIM.—EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA.—CARTA DE ANADIA.—SECÇÃO LITTERARIA: O D. ALVARO, *por L. A. Palmeirim*; SANGUE ROMANHOLO; A AVESINHA, A PEROLA E A ROSA, *por Catulle Mendes*.—REPOSITORIO.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU OREGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

MARINHO DA CRUZ

Agitou a imprensa uma questão que á primeira vista parece passar despercebida. Referimo-nos á exauctoração de um official do exercito condemnado pelo crime de homicidio voluntario. Houve quem censurasse o facto, achando-o pouco ou nada conforme ás regras disciplinares. Chegou até a dizer-se que a sentença fôra exagerada, e que o tribunal devia dar por o laudo dos peritos, que consideraram o réu como larvado. Entenderam alguns, que acima do facto criminoso devia estar a classificação dada pelos especialistas, e que se désse baixa ao registro criminal, attribuindo-se a morte do cabo Pereira a um accesso de loucura.

Fallou-se ao sentimento, e quiz-se explorar a veia da compaixão a favor do assassino, talvez porque a victima já tivesse esquecido, bem como as circumstancias agravantes, que constavam do governo. E como já havia decorrido tempo sobre o successo, que encheu de indignação todos os corações bem formados, queria-se fazer pressão sobre a justiça, para que ella indultasse o culpado.

Mas tratava-se de um processo de morte, sem provocação, feita á falsa fé, covardemente, n'uma conjunctura em que todos eram accordes que o facto era sem precedentes. Então o clamor era geral; depois appareceram notas discordantes, a defeza insurgiu-se contra o veredicto da opinião, e começou a cruzada a favor do réu, dando-o como larvado, e por tanto como irresponsavel pela enormidade do delicto, como se fosse possivel a prova, e como se um official do exercito que tinha ganho as dragonas nas escolas superiores, podesse ter desculpa do attentado!

Se vingasse a traça, nem um só criminoso deixaria de escapar á acção da lei. Bastaria a allegação de epilepsia, para o absolver. E d'este modo exercer-se-hia a vingança mais descaroavel com a certeza de que ficariam impunes todas as atrocidades individuaes. Seria o escarneo depois do crime. As victimas cahiriam indefezas, e a sociedade ficaria privada dos meios de tornar effectiva a responsabilidade ao que delinquiu.

Na Corsega ha a *vendetta* que é origem da extincção de familias inteiras. E não será aquella a prova provada da existencia da epilepsia larvada, que atacou um grupo de individuos? Não teem elles a morte em frente dos olhos, quer seja promovida pelo inimigo, ou pela sociedade?

O condemnado que jaz na penitenciaria de Campolide teve tempo para reflexionar antes de praticar o delicto. Aconselharam-no, dissuadindo-o. Resistiu ás sugestões do bom senso, dando expansão á colera insensata. Devia ficar impune? Diz-se:—mas o homem não estava no gozo pleno das suas faculdades intellectuaes. E podiam gozal-as outros individuos quando praticaram crimes similhantes? E todavia foram condemnados, e ninguem se lembrou sequer de lhes attenuar a culpa.

Ha annos Lisboa foi theatro de uma tragedia horrivel. Mattos Lobo assassinára uma familia das suas relações. O réu expiou no cadafalso a enormidade do delicto. Seria tambem Mattos Lobo um larvado? Mas que o fosse convinha á sociedade extinguir a causa morbida, que deixára apoz si um rasto de cadaveres. E hoje o nome do réu figura apenas no registro dos processos celebres.

Sobre a exauctoração, o que haviamos de dizer? Consta ella do codigo disciplinar. Não devia executar-se? Quem havia de oppor-se? Um acto de dictadura? Seria torpe, que o executivo a exercesse para frustrar a acção de um poder independente. Desde que o tribunal havia condemnado o réu, a sua exauctoração era a consequencia necessaria da sentença confirmada pela instancia superior. Não podia invocar-se o privilegio a favor de um official do exercito, quando elle não soubera respeitar os galões alcançados por meio do estudo. A excepção seria odiosa, e no pacto fundamental existe a declaração solemne de que todos os cidadãos são eguaes perante a lei.

Mas, diz-se, o crime não era militar! Singular subterfugio! mistificação ingrata, que nem sequer aproveita como ductilidade de espirito. Em nenhum caso, provado o crime, o réu podia deixar de ser exauctorado. Porque clamam então contra a execução da lei que a determinou?

A questão parece-nos pois concreta. Se Marinho da Cruz estava culpado, a sua condemnação foi a consequencia do seu crime. O réu devia saber ao perpetral-o, que não podia ficar impune um facto, que encheu de indignação a capital e as provincias. Pretender o contrario é querer que a sociedade retrograde, impellindo-a no pendor de desmoralisação, por onde escorregam as nacionalidades moribundas.

Morigeremos com o exemplo, mas não préguemos a anarchia, que é a subversão dos principios do justo e do honesto.

A QUESTÃO DO SURDO-MUDO DE OVAR

O nosso illustrado collega *Jornal do Povo*, de Oliveira d'Azemeis, levanta nos seguintes termos, energicos e justos, a calumniosa accusação dirigida ao poder judicial de Ovar e á auctoridade superior do districto.

A calumnia systematica da imprensa ha muito que se voltou contra tudo o que se pratica em Ovar.

A' falta de melhor assumpto, uma parte da imprensa entretem-se a calumniar o poder judicial d'aquella comarca e o governador civil do districto, sob o pretexto de ter sido condemnado pelo juiz d'aquella comarca um surdo-mudo por offensas a um cavalheiro da localidade, e por haver o governador civil dado trabalho em Aveiro ao réo.

A verdade é que o surdo-mudo foi condemnado, não por quaesquer offensas feitas a pessoa alguma, mas simplesmente pelo crime de vadiagem, sendo-lhe applicada a pena de prisão, e sendo além d'isso condemnado a ser entregue á disposição do governo para lhe fornecer trabalho.

Esta pena está espressamente prevista na lei, que é o artigo 256.º do codigo penal.

O governador civil foi encarregado de fornecer trabalho ao réo, conforme a disposição da lei e o preceito da sentença condemnatoria.

A *serpança*, que tem principalmente levantado a calumnia, parece ignorar os termos da condemnação e portanto as bases legaes da execução d'ella, bem como finge ignorar que exista lei que auctorise a applicação de semelhante pena.

Ora a sentença é um documento official, que quem quer póde obter por certidão do respectivo cartorio, e a lei é obra da propria regeneração, que fez a reforma penal de 14 de junho de 1884, e podia ter reformado o correspondente artigo do velho codigo penal, o que não fez deixando-o ficar sem alteração alguma, sem duvida por entender que era boa e justa a disposição do mesmo artigo. A sentença fez, portanto, applicação d'uma pena, que é determinada por um preceito, qus é lei do paiz desde 1852 até hoje.

A grosseria e torpissima calumnia da imprensa resume-se portanto n'isto:—que as auctoridades tem cumprido com relação ao vadio os deveres que lhes impõe as leis vigentes, sendo rigorosamente legaes os seus actos. E a calumnia forja-se, arma-se, levanta-se, e corre mundo, engulindo previamente o preceito d'uma sentença com transito em julgado, e arrancando dos codigos um preceito legal, cuja existencia nega.

Mas a calumnia foi sempre assim:—velhacaria, ignorancia e cobardia.

A LEI DO RECRUTAMENTO

E' do nosso collega da *Soberania do Povo* o seguinte artigo.

Com o que diz concordamos nós plenamente.

Levantam-se clamores contra a ultima lei do recrutamento. Diz-se que é uma l i ruim, inacceitavel, retrograda, insensata. Imaginam-se as hypotheses mais extravagantos e attribuem-lhe os propositos mais exagerados os que a não conhecem nem a estudaram nunca. Nós devemos dizer que a lei de 12 de setembro tem defeitos e carece de ser modificada em um ou outro ponto de alcance secundario. E' como todas as leis e como todas as coisas humanas, que não podem nunca chegar a ser completas e perfeitas.

Mas o que é incontestavel é que o pensamento geral do legislador e o lineamento d'aquelle trabalho denunciam uma rasgada e liberal iniciativa e um profundo conhecimento da nossa organisação militar e representam um notavel melhoramento e um largo progresso sobre todos os diplomas da legislação anterior promulgados nos ultimos trinta annos.

Agora, que estão reunidas as juntas sanitarias districtaes, é que se levantam protestos e se fazem reclamações. Diz-se que as juntas revisoras são de uma aspereza e de uma severidade unicas na apreciação e julgamento dos mancebos sujeitos ao seu exame. Esta é a primeira prova de que a lei é boa.

D'antes tornava-se notada a facilidade com que se fazia o serviço das inspecções do recrutamento. Pediam-se providencias e dizia-se que a raça portugueza ainda não estava tão degenerada que se podesse com justiça considerar inuteis e invalidas as legiões de moços que as commissões de revisão militar davam como incapazes de prestarem á patria o seu braço e o seu sangue.

Agora, que melhor sabem cumprir o seu dever os funccionarios que tratam o escabrozo serviço das inspecções sanitarias, fazem-se protestos e clama-se contra uma lei que no principio da sua execução, já é um grande exemplo de moralidade e de egualdade.

Nós comprehendemos bem o que se passa. Em Portugal é moda gritar contra tudo o que se faz. As juntas militares de revisão eram outr'ora faceis, accomodaticias, tolerantes. Fallava-se ruimente. Diziam-se os patronatos que se pompeavam e as influencias que se exerciam. Hoje ha um rigor estranho e inesperado, e todos procuram cumprir o seu dever.

Pois os clamores não cessam, nem as diatribes deixam de se produzir. Lastimosa orientação a de um povo que condemna todas as uteis iniciativas e profliga todos os patrioticos propositos dos que estudam e trabalham.

O ULTIMO EMPRESTIMO

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

As noticias que nas estações officiaes se estão hoje apurando sobre o resultado do ultimo emprestimo, confirmam e ampliam aquellas que já aqui demos.

Sabe-se hoje já que os titulos portuguezes que pedem a conversão excedem em mais de 10:000 os que pedem o reembolso. Não se póde responder por fórma mais frisante aos da propaganda diffamadora da administração actual. Sempre a confiança do capital foi considerada como o mais seguro barometro para a indicação do estado politico. Ora os ponteiros ahi estão marcando—o bom tempo, fixo.

Das praças estrangeiras dizem tambem as noticias de hoje que o ultimo emprestimo tem, em toda a parte, o *prime* de 2 p. c.

O total apurado excede muito a dois milhões de titulos.

Quando a gente se recorda da situação do credito publico na administração anterior; quando recorda que o estado com os seus valores depreciados se encontrava na situação miseranda de pedir uma subscripção de porta em porta, não póde deixar de se regosijar com esta transformação, que permitte se opere uma conversão de titulos, que dá ao paiz um lucro real de mais de 3:000 contos.

Perguntava hontem um nosso collega:—O que dirá a isto o sr. Hintze?

A pergunta não deixará de ter resposta no parlamento. Verá como elle ha-de, com muito palavriado e muitos synonymos, criticar com azedume o que se fez, e se esfalfará, em largas sessões, pesadas e massudas, na exposição de indicações das coisas que elle era capaz de fazer. Já o estamos d'aqui a vêr: muito aprumado dentro da celebre sobre-casaca de ferro, a dextra estendida, o sobre-olho carregado, o bigode como que traçado a carvão e arrepiado sobre o labio, n'uma contracção que quer ser um sorriso de ironia. A luneta escorrega-lhe. Os papeis dos apontamentos, amontoados sobre a carteira, escorregam-lhe e caem no chão, d'onde o sr. Bocage—o eterno e devoto ouvinte do financeiro infeliz—os apanha pressuroso, compondo-os sobre a banca, enquanto que elle, o grande homem incomprehendido, lamuria a sorte desventurada d'este paiz—que vae á vela, não desde os tempos pombalinos, mas desde que a sua mão habilissima deixou de manejar o timão do barco!

E ouvirá então o nosso collega que de coisas elle diz.

VERDADES

E' do *Dia* o seguinte artigo:

«Os republicanos andam festejando muito a *decadencia dos partidos monarchicos*, e em especial a desorganisação e a indisciplina do partido progressista: ora vejam quem ha-de atirar pedras ao telhado dos visinhos!

Decairem os partidos monarchicos, que são velhos, é phenomeno que se póde explicar por diversas razões historicas e sociaes, e inclusivamente pela lei das evoluções; mas que o partido republicano caisse em decrepitude e cachexia, como caiu, ainda antes de estar desmamado, é que é prova provada de entranhadas podridões ou de prematuros vicios!

E' natural que os partidos monarchicos, tendo nas mãos os complicados e variados problemas da governação publica e dirigindo os interesses *collectivos da sociedade, se desunam* por opiniões relativas a estes interesses e áquelles problemas; mas esta justificação ou desculpa não póde ser allegada pelos republicanos portuguezes, que não governam nem governaram, que não teem programma, que não teem idéas definidas, que não passam d'uns politicos de negação e má lingua, e todavia estão fraccionados, esmigalhados, triturados, dynamisados, em quasi tantos partidinhos, grupos, chafaricas, patrulhas, redacções de jornaes, clubs, quantos são os seus homens que sabem ler por çima e d'esta superioridade tiram ambições de commando!

Pois ha ahi egreja politica que tenha mais capellas, e capellinhas, e confrarias, e sachristias, do que a republicana; em que as opas dos irmãos tenham mais variado matiz; e em que os crentes se desanquem uns aos outros mais desapiedadamente? E desanoam-se porque? Por causa das honras das mordomias, de questões de hyssope (agua benta á parte), de chefias *in partibus*, de esperanças de sebastianistas! Fazem lembrar, salvo o respeito ás pessoas, uma matilha a brigar por causa da sombra d'um naco de carne: o que não seria se a sombra fosse realidade! As terminologias d'uma classificação botanica não chegam para os classificar: ha, só em Lisboa, os *eliaceos*, os *theophylaceos*, os *seculiferos*, os *zophymaceos*, os *arriagaceos*, os *bernardino-pinheiraceos*, os *folli-populados*, os vermelhos, os côr de rosa, os azues e brancos, os irreconciliaveis, os pé-cá-pé-lá, e... um inferno! E tem esta gente bojo para fallar dos outros e ver argueiros nos olhos dos visinhos!

Ora vão passeiar.»

PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

A industria e agricultura portuguezas serão representadas na grande exposição de Paris.

Uma commissão de compatriotas nossos, formada na capital da França e composta dos srs. visconde de Azevedo Ferreira, Camillo de Moraes, Domingos de Oliveira e Marianno Pina, officiou á Sociedade de Geographia pondo-se á sua disposição, a fim de se installar uma secção portugueza na grande exposição de 1889. A commissão informou, que Portugal póde contar com 416 metros quadrados e com os bons serviços d'um engenheiro francez. Sabemos que a Sociedade de Geographia respondeu agradecendo, narrando as diligencias feitas, como convidava a cooperar n'ellas as associações de agricultura e industria, e como tendo proposto ao governo a formação de um centro de preparação e direcção de accordo com diversas associações interessadas e competentes e com o governo, e tendo este adoptado em principio a proposta e entendido dever escolher para tal centro a associação industrial por offerecimento individual d'esta, só lhe restava congratular-se por ver que Portugal concorreria, e fazer votos por que essa concorrencia fosse digna do paiz e dos varios interesses que se relacionam com ella.

A mesma commissão dirigiu-se á associação industrial. O resultado de tudo isto deve ser honroso para o paiz.

IMPORTANTE

Um telegramma de Paris dá como grave o estado do imperador Guilherme II. Diz-se que se aggravou o padecimento de ouvidos, que ha tempos affige S. M. Parece que o imperador tem tuberculose na cabeça, segundo em tempos vimos n'alguns jornaes estrangeiros. E' grave.

DIREITO DE PETIÇÃO

Continuamos a publicar os nomes dos signatarios da representação dirigida ao chefe do Estado, pedindo a conservação das irmãs hospitaleiras no hospital civil d'Aveiro.

Padre Antonio Tavares Coelho e Pinho, professor e presidente da junta.

Padre Manuel Barbosa de Albuquerque.

Manuel Soares, lavrador.

Joaquim de Almeida, lavrador.

Francisco Tavares Jorge, lavrador.

Joaquim d'Almeida Mauricio, lavrador.

Francisco d'Almeida Mauricio, lavrador.

Manuel José Gomes Barbosa, lavrador.

Francisco Rodrigues, ferreiro.

Francisco de Almeida, lavrador.

Manuel Barbosa, ferreiro.

Antonio Barbosa, lavrador.

Joaquim Fernandes, lavrador.

João Barbosa Souto, negociante.

Manuel Tavares Pinho, lavrador.

João Ferreira da Silva, pedreiro.

Antonio Lourenço de Pinho, pedreiro.

Manuel Tavares Coelho, lavrador.

Luciano José d'Almeida, serviçal.

Manuel Joaquim Antonio da Costa Negraes, jornaleiro.

João Vaz da Silva, lavrador.

Manuel Tavares de Pinho Junior, jornaleiro.

Manuel Soares Dias Junior da Moreira, lavrador.

Albino Soares Dias, lavrador.

Emilia Soares Duarte.

Affonso Tavares Coelho, proprietario.

Custodio da Costa Martins, pedreiro.

Manuel da Costa, pedreiro.

Antonio da Costa, pedreiro.

Custodio Tavares da Silva, artista.

Antonio d'Almeida Vasconcellos, escrivão d'administração, proprietario e maior contribuinte.

José Tavares Jorge, lavrador.

Custodio Fernandes Correia, lavrador.

Manuel Soares das Lages, jornaleiro.

Manuel Fernandes Correia, lavrador.

Manuel Borges, lavrador.

Antonio Fernandes, lavrador.

Francisco Tavares Coelho, lavrador.

Antonio Joaquim d'Almeida, lavrador.

Manuel de Almeida do Pombal, lavrador.

Luiz Barbosa de Mattos, vogal da junta.

(Continúa.)

CARTA DE LISBOA

14 DE SETEMBRO DE 1888.

(Doutro correspondente)

Uma noticia importante que representa um corte profundo em uma velharia que hoje não tem razão de ser. Vão acabar as quarentenas. Não acabarão completamente, mas ficarão consideravelmente reduzidas, o que já não é pouco para principiar: o resto virá depois com o tempo. A'manhã deve reunir a commissão que foi nomeada para fazer a reforma do regulamento geral de sanidade maritima. N'essa sessão plenaria será lido o novo regulamento que tem soffrido alterações radicaes, e que me consta estar elaborado sobre bases solidas e sensatas. O projecto subirá em seguida ao ministerio do reino, e o sr. José Luciano, que tem o maior empenho n'esta importantissima reforma, referendal-o-ha sem demora, não tenho n'isso a menor duvida. O projecto conta muitas e importantes disposições, não só com relação aos passageiros, mas relativas tambem a beneficiação das bagagens. Os topicos porém da nova regulamentação, segundo informou hontem o *Dia*, que tem sustentado uma campanha contra as antigas quarentenas, são os seguintes:

A duração das quarentenas para passageiros procedentes de portos *sujos*, fica dependente da duração das viagens; o *minimo* exigido d'esta duração é, porém, inferior em regra ao tempo das travessias transatlanticas. Os viajantes da America do Sul, portanto, ainda que venham de portos *infeccionados*, quando a bordo do navio que os transprrtar não tiver havido nenhum caso de molestia suspeita, só terão que sujeitar-se na entrada do Tejo a uma revisão sanitaria, cuja demora não poderá exceder 24 a 28 horas, e á desinfecção das bagagens; e quando procederem de portos *suspeitos* não tendo havido novidade a bordo, obterão livre pratica depois de cumprirem umas simples formalidades. As quarentenas demoradas, como prevenção contra a febre amarella—e só eram estas as que suscitavam reclamações—só subsistirão, pois, para os casos de manifestação epidemica no navio durante a viagem. Calculam facilmente a profunda e benefica influencia que esta reformas nas absoletas e absurdas quarentenas vae produzir na vida portugueza. Será mais uma gloria na vida politica do sr. conselheiro José Luciano de Castro.

—Diz o *Correio da Noite* que houvera hontem uma grande insubordinação n'um regimento da capital. Os soldados pretextaram ser o rancho em quantidade deficiente. Foram enviados presos para o castello de S. Jorge dois cabos e um soldado. Procede-se ao levantamento do auto de corpo de delicto e a averiguações.

—O sr. presidente da camara municipal teve hoje uma conferencia com os srs. Verdier, Sarrea Prado e um capitalista ácerca do incidente occorrido sobre o deposito para a construcção da ponte entre S. Pedro de Alcantara e a Graça.

—Como se sabe são os drs. Cortez e Virgilio, medicos em Faro, que possuem o famoso formulario do especialista José Maria d'Assis. N'aquella cidade vae ser construido um grande hotel para receber os doentes que ali vão consultar os referidos medicos.

—Ao juiz da Guarda foi concedida auctorisação para gosar a licença anterior, bem como ao delegado em Aveiro.

—O governo, tendo a certeza de existir a variola negra na Sicilia, vai providenciar.

—A folha official annuncia que o consul de Portugal no Chili mandára inventariar o espolio do portuguez Joaquim Lopes Pimenta. Suppõe-se ser natural de Braga. Legou os seus bens a sua irmã.

—Na quinta da Nova Cintra, em Setubal, pertencente ao sr. O'Neill, abateu um terreno perfurado para a construcção de um poço, ficando dentro mortos quatro mineiros.

—O homem encontrado hontem esmagado na linha ferrea, perto de Villa Franca, não foi reconhecido, mas *pelo fato e pelo bonet* parece que era um d'estes passageiros furtivos que passam de umas estações ás outras nos estribos das carruagens, saltando á linha quando os comboyos se approximam das estações.

—Partiram: para Vianna do Castello o engenheiro sr. Manuel Affonso Espregueira; para a Beira Alta o sr. conselheiro Elvino de Brito; e para o Porto o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, seguindo para S. Thomé de Seide, a fim de visitar o grande escriptor Camillo Castello Branco.

Z.

NOTICIARIO

Passagem.—Passou hoje aqui, no comboyo da manhã, Mr. Vanutelli, nuncio de Sua Santidade, com destino á Carregosa, onde se acha o sr. Bispo Conde. Era acompanhado por alguns cavalheiros italianos e de Coimbra. Talvez na volta venha a esta cidade, onde conta muitas sympathias.

Declaração.—Fizemos protesto de não tratarmos aqui da eleição da misericordia, que deve verificar-se no dia 19 do corrente. Não nos propomos convencer os que não querem dar-se por convencidos, nem o systema de descompor os adversarios nos daria ou affastaria votos. Assim o melhor é deixar as apreciações para depois da eleição, e creiam que havemos de ser inexoraveis para os que tiverem atraiçoado a consciencia, e que estão ahi fazendo obra pela sugestão das ruins paixões.

Depois não se queixem de nós, que não provocamos, e que aceitamos a requesta tal e qual nol-a pozeram.

Repetimos: havemos de ser inexoraveis, desfiando perante o publico a negra historia das ligações á ultima hora de elementos que se diziam punicos, e que ahi se acham confundidos no mesmo esforço.

Contem pois comnosco, que nunca faltamos ao que promettemos.

Demonstração.—Hontem foi a officialidade de cavallaria 10 jantar ao forte da barra, sob a presidencia do seu digno coronel. Nunca assistimos a banquete em que as relações de verdadeira camaradagem melhor se acentuassem.

Foi um convivio de amigos, de homens, uns encanecidos no serviço, e outros que começam agora a provar que lhes querem seguir as pisadas, com hombridade egual aos primeiros.

A' sobremeza houve brindes enthusiasticos, que foram calorosamente saudados pelos convivas.

Durante o jantar tocou a charanga.

Não é verdade.—Disse-se ha dias que era gravissimo o estado do illustre escriptor Camillo Castello Branco. Não é verdade.

O notavel homem de letras partiu da Povoa de Varzim para a sua casa de S. Miguel de Seide, onde não está felizmente em perigo de vida.

A' sua cabeceira está o illustre clinico o sr. dr. Ricardo Jorge, seu medico assistente.

Sentimentalismo.—Alguns dos nossos collegas a proposito do celeberrimo processo—*Marinho da Cruz*,—levantam um clamor desusado, appelando para o sentimentalismo das almas sensiveis, tanto a respeito da sua condemnação, como do epilogo—a exauctoração!

Longe de nós a idéa de censurar esses rasgos de piedade, perante a condemnação d'esse criminoso infeliz, mas não podemos deixar de notar com espanto, que se esqueçam as desgraças causadas por elle; e que estando todos os dias a haver exauctorações de praças de pret, ninguem se levante indignado a combatel-as, e só agora, porque foi castigado com ella um official, se ouçam esses brados de sentimento escandalisado.

E' corrente e muito curial, que quem pratica o bem, seja premiado, e com publicidade; assim como tambem quem commette o mal, ser castigado publicamente para exemplo. A lei militar, que necessita ser mais rigorosa, por causa da disciplina, do que a civil, regista no seu codice a pena da exauctoração, que será barbara, como dizem, mas que é legal; e como o réu é militar, e commetteu o crime n'outro militar, demais a mais inferior, não podia deixar de lhe ser applicado aquelle castigo.

No entanto, pede-se que seja banido esse vexame, em homenagem á brandura dos nossos costumes, e nós, que nos presamos de ser modernos, tambem juntamos as nossas vozes ás dos que clamam a favor da reforma do codigo militar, a fim de serem d'elle excluidas as exauctorações.

Diversão.—A que annunciamos na segunda-feira esteve muito agradavel, porque a serenata, emprehendida por alguns dos nossos patricios, amadores de musica, teve uma execução brilhante, que lhes mereceu ruidosos applausos. Bonitas walsas, lindos trechos, alguns tocados pela *academia musical de Coimbra*, e outras composições de gosto, se fizeram ouvir e com muito agrado das pessoas que tiveram o prazer de os escutar.

Esperamos, pelo seu bom exito, que esta diversão tão innocente e attractiva se repita, como prova de bom gosto dos executantes.

Exercicios.—O regimento de cavallaria 10 andou ha dias em manobras, sahindo pela Oliveirinha e recolhendo pela estrada d'Esgueira. O ex.mo coronel ficou satisfeito do modo porque a força do seu commando se conduziu, e tenciona encetar dentro de pouco as chamadas marchas de resistencia, para instrucção dos seus subordinados.

Juntas d'inspecção.—Sessão do dia 12 de setembro.—*1.ª junta.*—Inspeccionou 56. Approvou 33, isentou 12 e temporisou 11.

Sessão do dia 13.—*1.ª junta.*—Inspeccionou 53. Approvou 43, isentou 9, temporisou 6, e mandou 1 em observação.

2.ª junta.—Inspeccionou 45. Approvou 35, isentou 2 e temporisou 8.

O torpedeiro.—Aquelle a que se refere o nosso estimavel chronista de S. Jacintho, e que andou hontem a pairar na nossa barra, é o n.º 2, que tem estado ancorado no porto da Figueira, e que anda em serviço de reconhecimento nas costas do reino. E' commandado pelo distincto 1.º tenente da armada, sr. Andrea.

Entrou hontem na barra do Porto ás 2 horas da tarde, e espera-se que venha hoje ao nosso porto.

Desastre em Espinho—Ante-hontem, cerca das 6 horas da tarde, deu-se ali um lamentavel desastre. A señorita D. Pilar Gusman, filha do duque de Tilhi, saira a passeio de trem, com sua familia. Ao chegar ás cancellas, que vedam a passagem da linha ferrea, o carro, prendendo as rodas nos *rails*, tombou, arremessando a distancia a desditosa senhora, que fracturou uma perna em dois pontos differentes. O seu estado é bastante grave.

Accidente.—O nosso patricio, Lourenço Camarão, mais conhecido aqui pelo *Caroço*, tendo ido tomar parte nas touradas da Figueira, e estando deitado no caes d'aquella linda praia, deu-lhe um ataque epileptico como de costume, e caiu á agua, onde morreria afogado, senão fosse salvo por alguns individuos, que o soccorreram promptamente.

Trabalho no mar.—Até hontem o mar foi bom. As pescas continuam a ser poucas em todas as costas. A grande calamidade, pois, continua.

Colheita do sal.—Ainda as marinhas continuam a produzir. O preço do genero conserva-se em 22:500 o antigo barco ou a medida de 15.000 litros, sem tendencia para subir.

Chronica das praias.—*S. Jacintho, 14.*—Passou hoje aqui um dos nossos torpedeiros, levando muita gente a bordo. Demorou-se mais de duas horas a fallar com a barra, por meio do *mariate*, e seguiu depois para o Norte. Trazia na pôpa a bandeira nacional e no mastro a flamula. Imaginámos ao principio, que seria algum barco que viesse tirar os peguilhos, mas reconhecemos depois ser um torpedeiro. Em menos de 10 minutos percorreu a distancia que vae da barra á Torreira, costeando sempre a areia, e pouco depois perdia-se de vista.

V.

A perspectiva do negocio de trigo.—Um nosso amigo teve a amabilidade de nos offerecer o seguinte interessante artigo, que traduzira de um jornal inglez, diz o *Commercio do Porto*:

«A perspectiva da colheita de trigo no mundo, é este anno de um interesse mais que vulgar. Em differentes terras é provavel que a colheita seja pequena. Por consequencia, uma consideravel anciedade se manifesta, para se obter conhecimento das provaveis precisões das localidades, que usualmente são compradoras, e as provaveis sobras que as localidades fornecedoras poderão exportar. E' este um assumpto em que os americanos téem grande interesse, e muito cuidado está sendo tomado pelas suas authoridades sobre esta questão, para obterem estatisticas reaes e tomarem prevenções. Na opinião de Bradstreets, as provaveis precisões e os fornecimentos possiveis das differentes localidades, serão como se passa a demonstrar:

Provaveis precisões de trigo—O Reino Unido (Inglaterra), 154.000:000 bushels; a França, 80.000:000; a Italia e Grecia, 23.000:000; a Hollanda, Dinamarca e Belgica, 25.000:000, as Indias, China e Brazil, 20.000:000; a Noruega e Suecia, 4.000:000; a Suissa, Hespanha e Portugal, 25.000:000. Total, 331.000:000.

Provaveis sobras para exportação—Estados-Unidos, 100.000:000 bushels; Russia, 80.000:0000; India, 27.000:000; Austria-Hungria, 20.000$ Australia, 10.000:000; Roumania, Turquia e Egypto, 18.000:000; Republica Argentina e Chili, 10.000:000. Total, 265.000:000.

Falta ou apparente deficiencia, bushels 66.000:000.

Uma casa ingleza, que costuma estar excepcionalmente bem informada, faz o seguinte calculo:

Provavel precisão de trigo—O Reino Unido, 140.000:000 bushels; a França, 70.000:000; a Allemanha, Belgica e Hollanda, 28.000:000; a Italia, 20.000:000; a Suissa, 14.000:000; a Hespanha e Portugal, 16.000:000; as Indias, China e Brazil, 20.000:000; a Grecia, 5.000:000; a Dinamarca, Noruega e Suecia, 4.000:000.—Total, 317.000:000.

Provaveis sobras para exportação—Estados-Unidos, 80.000:000 bushels; Russia, 80.000:000; India, 30.000:000; Roumania, Turquia, Egypto, Chili e Republica Argentina, 28.000:000; Austria-Hungria 15.000$ Australia, 10.000:000. Total 243.000$

Falta ou apparente deficiencia, bushels 74.000:000.

D'estes numeros parece claro que os fornecimentos do anno não chegam para as precisões e que terá de se recorrer aos depositos de reserva dos Estados-Unidos, Russia e India. Se estes fornecimentos serão sufficientes para fazer face ás precisões, sem sériamente perturbar o mercado, é o que não póde prevêr-se. No emtanto, os preços estão subindo. A perspectiva da colheita entre nós (Inglaterra), não é de modo nenhum boa. E' certo que a nossa colheita de 1888 não póde vir ao mercado em boas condições para moagem. O mez de setembro está comnosco, com as suas noutes grandes, humidas e frias, e poucas horas de sol; de maneira que, por muito bom que seja o outomno, presume-se que não póde haver muito trigo realmente sêcco, no mercado. E' esta a causa que tem feito augmentar os valores nas duas ultimas semanas, e que, provavelmente, fará com que os preços subam ainda mais.—1 de setembro de 1888.»

Transcripções.—São do *Jornal do Povo*, de Oliveira d'Azemeis, de 12, as seguintes noticias:

Da nossa carteira.—Deve regressar hoje á sua casa de Carregosa o nosso amigo e illustre representante d'este circulo, o sr. dr. Antonio Simões dos Reis, com sua ex.^{ma} esposa.

— Regressou hontem a esta villa o nosso presado amigo, e honrado commerciante, sr. João Marques de Carvalho, que estivera em S. Pedro do Sul, em uso de caldas.

— No mesmo dia regressou das caldas de S. Pedro do Sul, o nosso presado amigo o sr. João José da Silva Guimarães, abastado proprietario d'esta villa.

— Consta-nos que o digno subinspector do circulo da Feira, sr. Manuel Dias da Silva, se retirará brevemente para Torre de Moncorvo, para onde foi ultimamente nomeado, e que o sr. Ramos Paz virá tomar posse do circulo da Feira no dia 20 d'este mez, retirando-se em seguida, por alguns dias, para Penafiel.

— Partiu para a praia do Furadouro, a uso de banhos, o sr. José Antonio Carneiro Bastos, e suas filhas.

— Parte hoje para a praia do Furadouro, a ex.^{ma} sr.ª D. Anna da Piedade Pires Bravo, com sua familia.

Facultativo.—Durante a ausencia do digno facultativo do partido municipal d'esta villa, sr. dr. Antonio Joaquim de Mattos, fica tratando da sua clientella o sr. dr. José Antonio Gomes dos Santos, medico do partido municipal com sede no Pinheiro, vindo este clinico a esta villa todas as terças e quintas-feiras. O sr. dr. Mattos virá tambem a esta villa todos os sabbados de manhã, demorando-se até á tarde do dia immediato.

Asylo de Infancia.—A commissão administrativa do Asylo de Infancia Desvalida, d'esta villa, foi auctorisada pelo governo para vender uma inscripção nominal de 100$000 réis, devendo o seu producto ser applicado no pagamento da contribuição de registo por titulo gratuito pelo legado deixado ao mesmo Asylo pelo benemerito José Antonio Abrantes, de Roge.

Conferencias pedagogicas.—Diz-se que ha probabilidades d'este anno não haverem conferencias pedagogicas nos diversos circulos escolares do paiz. Achamos isso justo, visto que as despezas com o subsidio são agora meramente facultativas das camaras, e estas se acham, na maior parte, sobrecarregadas com o gravissimo encargo da instrucção primaria, não podendo, portanto, satisfazerem a estas despezas.

Parricidio por envenenamento.—Deu entrada nas cadeias da Relação do Porto o réu Jacintho Martins, de Palmaz, d'esta comarca, condemnado definitivamente a 8 annos de prisão cellular seguidos de 20 de degredo, pelo crime de envenenamento na pessoa de seu pae, de que a este resultou a morte. O réu havia sido julgado pelo jury d'esta comarca em novembro do anno findo.

Ainda a proposito de Antunes Guerreiro.—Este illustre morto conservou perfeitas as faculdades intellectuaes até ao momento em que expirou. Certo de que morria fez testamento e pediu os sacramentos, conservando sempre a sua serenidade de espirito.

Momentos antes de expirar, o enfermeiro chegava-lhe á bocca uma colher do medicamento, mas, querendo voltar-lh'a de uma vez, o moribundo de sorriso nos labios, disse: *piano, piano, si va lontano.*

Antunes Guerreiro era um incansavel luctador politico. Nunca o partido progressista teve no districto de Villa Real mais valente campeão; nunca teve algum que sequer se approximasse da sua influencia eleitoral, e é por isso que a sua morte representa uma irreparavel perda para o partido progressista do districto de Villa Real. Soube elle elevar-se do cartorio de escrivão de direito até aos arminhos do pariato. Elle e só elle o conseguiu.

Para elle os correlligionarios eram indifferentes: a dedicação era para os amigos pessoaes. D'ahi a sua grande força, e a lealdade com que os acompanhava nas luctas eleitoraes mais perigosas.

Conselho aos banhistas.—Como estamos em plena quadra balnear, é bom que todos conheçam as seguintes e mui uteis indicações d'um notavel clinico, sobre o regimen alimentar que convém seguir durante o tempo em que se faz uso dos banhos do mar:

«A excitação de appetite produzida pelos primeiros banhos e pelo ar puro, fresco e penetrante do mar, junta a uma certa somnolencia e fadiga, que acompanha o principio do tratamento produzem quasi invariavelmente algum incommodo intestinal que póde compromettor ou retardar a cura, se não intervier a dieta. Da alimentação do banhista devem excluir-se os pratos irritantes, as substancias difficeis de digerir, o abuso da mostarda, da pimenta, do café, de bebidas alcoolicas. Os almoços, tão usados em Portugal, de café com leite e pão com manteiga, são uma das massas mais indigestas e mais afrontantes que se pódem ingerir nos estomagos. Nada torna o estomago mais abarrotado, o cerebro mais espesso, a intelligencia mais bronca, a actividade mais dormente. O bife de vitella ou a costelleta de carneiro grelhado, os ovos quentes e uma pequena chavena de chá preto, ou simplesmente o bom leite fresco constituem uma alimentação incomparavelmente superior á do café com leite e do pão com manteiga, quatro cousas que reunidas constituem uma broa, que pesa muito mais do que alimenta.

Ao jantar convém um regimen pouco animalisado. De carne de boi nunca deve haver mais de um prato. São preferiveis as carnes brancas, a vitella, a gallinha, o perú, a sopa de herva, o peixe fresco com manteiga fresca, ou com o simples molho de manteiga derretida em vinho da Madeira, bons legumes, um vinho leve, agua nevada; um sorvete, e uma boa pera, ou um cacho de uvas.»

O illustre clinico—fica entendido—escreveu só para os ricos. Aos pobres, que mal se alimentam, não aproveita decerto a prescripção.

Noticias da Regua.—Em 10.—Na noute de domingo para segunda-feira falleceu n'uma hospedaria da Regua, onde pernoutára, o escrivão de fazenda d'este concelho, sr. Antonio Augusto Pereira de Souza. Ia para a sua casa do Douro, tencionando demorar-se pouco, seguindo depois para a Foz, onde tinha a esposa e filhas. Morreu de repente; quando os criados do hotel pela manhã, suspeitando da sua demora em apparecer, bateram á porta do quarto, ninguem respondeu: arrombaram-a e encontraram um cadaver.

O fallecido era um empregado muito intelligente, muito cordato e zeloso.

Noticias da Covilhã.—Em 11.—Tem sahido para Vizeu grande numero de negociantes e fabricantes d'esta cidade, que costumam concorrer á feira franca de S. Matheus. As principaes casas da Covilhã expõem ali os seus productos—e não só ellas, mas muitos outros fabricantes. A somma das vendas realisadas e dos apuros sóbe a centenas de contos.

— Nas escavações, a que se está procedendo para os fundamentos de uma casa, junto da egreja de S. Martinho, foram encontrados os ossos do cadaver de uma pessoa adulta, a pequena profundidade do sólo. O sr. Marcellino José Ventura, dono das obras da edificação, deu parte do facto á auctoridade, por suspeitar que o enterramento de um cadaver, n'aquelle local e em taes condições, só podia ser consequencia de um crime. O estado em que os ossos foram encontrados, indica que o enterramento se fez ha mais de 10 annos.

Casamento do duque de Aosta.—Realisou-se na terça-feira, em Turim, o casamento do duque de Aosta com a princeza Laeticia. Na cidade é enorme a quantidade de forasteiros que occorreram para assistirem ás festas do casamento. Difficilmente se encontra logar nos hoteis e nas casas particulares, onde pedem preços exorbitantes por um quarto. As ruas e janellas estão enfeitadas de galhardetes e colchas vistosas das côres da casa de Saboya.

Prepara-se um banquete de 10:000 talheres (!) O municipio offerecerá outro banquete aos ministros, mas para elle não serão convidados os embaixadores. Diz um jornal francez que esta decisão é motivada pela situação do principe Jeronymo e para não dar logar a complicações extreriores. São muitos os francezes que se acham em Turim. Entre elles conta-se o duque de Feltre que levou de Paris grande profusão de flores naturaes para a princeza Laeticia.

O presente de nupciaes offerecido pelas damas de Turim á noiva compõe-se de varios objectos de grande valor artistico, e entre elles um livro de orações e um leque, duas maravilhas de bom gosto. O album em que estão inscriptos os nomes das 380 senhoras offertantes, é illustrado com desenhos á penna e encadernação de coiro com fechos de ferro. Alguns dos desenhos são do proprio punho do conde de Sambuy.

Um retrato escripto, da princeza Laeticia, feito por um francez:—E' alta e tem no seu porte distincto alguma coisa de sua tia a princeza Mathilde. A cabeça, correctamente desenhada, recorda os traços dos Napolões e dos Saboyas. A princeza parece-se com o principe Victor; mas a graça dos seus vinte annos, o encanto do seu sorriso, os dentes soberbos e brilhantes, o brilho dos olhos, corrigem esse *tic* de dureza da sua physionomia, sem lhe diminuir a correcção das linhas. Teria muito a ganhar a princeza se, em vez de seguir as modas de Turim, não usasse esses penteados modernos que favorecem as bellezas mediocres e offuscam em parte as verdadeiras bellezas. Em nossa opinião que a princeza deveria pentear-se simplesmente, á moda das estatuas antigas.

A futura duqueza de Aosta allia a uma grande intelligencia e bom senso uma alegria sem limites. E' uma valsista consummada. Apesar da sua permanencia em Italia, falla o francez como uma parisiense.

A direcção dos balões.—*Paris 10.*—O *Figaro* assegura que o commandante Renard achou finalmente o meio de dirigir os balões. Parece que o aerostato que actualmente se está construindo em Mondou, demonstra a realidade d'esta descoberta: o novo motor, que pesa 500 kilos, realisa uma força de 50 cavallos capaz de imprimir ao balão a rapidez de 100 kilometros por hora; o balão poderá pois fazer evoluções em todos os sentidos e com todo o tempo, salvo o caso d'uma verdadeira tempestade.

Observamos a respeito d'este telegramma, que achamos demasiada a palavra *finalmente*, porque egual descoberta diz ter feito, e ha muito tempo, o nosso compatriota e amigo o sr. major de estado maior de artilheria Cypriano Jardim, e ainda nenhuma experiencia, visto que o seu aereostato não está acabado de construir, prova que tenha errado, não querendo com isto dizermos que duvidamos que o commandante Renard tenha feito outra descoberta tendente ao mesmo fim.

O cyclone nas Antilhas.—Varios jornaes de Madrid fallando ácerca do cyclone das Antilhas dizem que são muito atterradoras as noticias chegadas ao ministerio do ultramar. Parece que o numero das victimas excede já a mil e quinhentos só em Porto Rico. Muitos districtos estão totalmente arruinados e a colheita da canna do assucar, que estava já para se recolher, dá se por completamente perdida. Tambem se perderam muitas cabeças de gado. Em Cuba e Porto Rico organisaram-se commissões de soccorros. As linhas telegraphicas estão interrompidas.

O CREDITO PORTUGUEZ

E' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

O *Economista*, transcrevendo os dados que hontem publicamos ácerca da nova operação, cujo brilhante resultado vem corroborar o credito, de que o paiz está gosando, commenta:

Perfeitamente de accordo com o nosso illustre collega. Nunca as finanças portuguezas attingiram o grau de prosperidade em que hoje se encontram; nunca o credito publico portuguez, *em epoca nenhuma*, foi mais robusto do que na actualidade, graças aos brilhantissimos dotes de estadista do sr. ministro da fazenda, Marianno Cyrillo de Carvalho.

E note-se que, para contrariar a operação actual, não appareceram só os lendarios portadores de uns *pretensos* titulos de emprestimo de D. Miguel. Houve mais sujeitos empenhados, felizmente com o mesmo *exito*, no mallogro da operação.

Temos adiante de nós um folheto em francez intitulado *Les finances du Portugal et le nouvel emprûnt*, que visava a contrariar a operação e buscava provar que o melhor que tinham a fazer as economias era reembolsar o emprestimo de 1881 e comprar 3 p. c. portuguez que o auctor do artigo *aposta* CEM CONTRA UM *que estará ao par antes de 1900*, isto é antes de 12 annos.

Ha tres annos, um folheto destinado tambem a contrariar as operações financeiras de Portugal... *o de Antuerpia*, escreveu o contrario. A's vezes pretende-se chegar ao mesmo fim por caminhos diversos.

Vê-se assim, em todo o caso, como os tempos mudaram. Então os agressores de Portugal proclamavam-n'o insolvel:—hoje são forçados, pela logica inexoravel dos factos, pelos resultados da actual administração financeira do paiz, a proclamarem que se não deve tomar o 4,5 por cento reembolsavel ao par, porque o consolidado portuguez de 3 0[0 estará, dentro em 12 annos, o mais tardar, ao par!

Registámos esta declaração insuspeita, porque parte de adversarios do credito publico ao paiz, que nós *sempre* temos sustentado; e não nos fazemos cargo de responder agora ás observações sobre os calculos dos lucros, em 12 annos, com a capitalisação em fundo de 3 ou em fundo novo de 4 1[2 por cento, porque o bom senso obrigará a perguntar: quando o consolidado portuguez de 3 estiver ao par, quantas conversões se terão feito dos outros fundos de maior typo?

Como, porém, o folheto tem muitas notas da natureza d'aquellas que os *sabios* apanham logo, como sentenças de Salomão, aguardamos os resultados d'essa caçada, para a nosso turno *conversarmos* com esses *sabios* em lingua indigena.

No entanto, ha dois pontos do escripto que estão pedindo resposta immediata:

1.º Aquelle em que se diz que «os *tripoteurs* (sic) escolheram a conversão do «emprestimo de 1881, por que uma grande «parte d'esses titulos estava nas mãos de «estabelecimentos publicos, de fidei-commis-«sos e d'outros.»

2.º Aquelle em que se resume a questão nos termos seguintes:

«A somma exactamente necessaria para reembolsar ao par as 257:626 obrigações ainda em circulação do emprestimo de 1881 é em francos	130.101:635
«O emprestimo de tabacos é de	40.000:000
«Accrescentando, para sellos estrangeiros, titulos e encargos diversos	1.657:865
«Chega-se a uma somma total de francos	171.759:500

«Se se dividir esta somma por francos 459,25, preço liquido da venda (segundo o folheto) feita ao syndicato de banqueiros francezes e allemães, encontra-se exactamente 374:000 obrigações necessarias.

A emissão é de 390:000 obrigações, isto é de 16:000 mais, representando, ao preço da emissão, uma somma de 7.640:000 francos e um encargo annual de 374:768 francos, durante 75 annos para thesouro portuguez.»

«E pergunta:

«1.º Quem vae aproveitar com o producto d'esta emissão supplementar?

2.º Em virtude de que lei é feita?»

Vejâmos o primeiro ponto.

E' claro que os titulos, uma vez emittidos, haviam de estar na mão de alguem, mas a insinuação ia directamente dizer que elles estavam em *grande parte* em condições de immobilidade temporaria.

Ora se, como o folheto confessa, existiam na circulação 257:627 obrigações—era minima a somma d'ellas immoveis, pois não passava de 40:016 e talvez um quarto pertencesse ao Estado!!

Quanto ao segundo ponto, ja o tinhamos visto tratado pela Burnaysia republicana—a falta de lei para a conversão.

Ora, o calculista agora esquece-se de que a *Burnaysia* impingiu ao pobre *Zé Povinho* cada obrigação de 500 francos por 505, e que as *de agora* representam só quinhentos francos, e a *essa* somma serão reembolsaveis. Assim, em 390:000 obrigações, haverá que reembolsar, pela combinação actual, menos 390:000 × 5 francos ou 1.950:000 francos. Descontando essa somma dos 7.640:000 francos, ficam 5.690:000 francos de differença—*que tem de ser embolsada pelo estado para fazer face a parte da despeza extraordinaria do estado de 1888-1889*, nos termos da lei da receita e despeza d'este exercicio.» E aqui estão respondidas as perguntas.

O successo da operação excede toda a expectativa.

Os telegrammas chegados hoje, dizem que a totalidade dos titulos foi coberta mais de duas vezes, em cada uma das praças de Paris e Berlim!

No paiz a subscripção e a conversão ascendem a cerca de 450:000 titulos, de fórma que o total apurado até á hora a que escrevemos, ascende a dois milhões de titulos.

Em vista do exposto, faltando ainda o resultado das demais praças, em que foi aberta a subscripção, é muito provavel que o rateio seja de 10 0[0, em logar de 20 0[0, como hontem dissemos,

A's 5 horas da tarde, ainda se não sabia o resultado completo, mas pode-se já assegurar que a subscripção foi dez vezes coberta.

O que diz a isto o sr. Hintze Ribeiro?

REFORMAS AGRICOLAS

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

Insistimos ainda n'esta questão, que se nos afigura, debaixo de muitos pontos de vista, uma das mais importantes e remuneradoras para o nosso paiz.

Dissémos hontem que o sr. ministro das obras publicas estuda cuidadosamente este assumpto e tem já na historia da sua administração diplomas serios a comprovar o seu criterio de estadista. O paiz começa a sentir os beneficos resultados das suas excellentes providencias, e comprehende que o maior numero d'ellas lhe prepara um futuro prospero. Não é preciso repetir esta resanha nem compulsar-lhe o merecimento. Impõem-se por si as medidas citadas e conseguirão, mais cedo ou mais tarde, empolgar a opinião publica e illustrar o nome do ministro reformador.

Hoje insistiremos apenas nos ultimos despachos do ministro, mandando proceder á arborisação das serras da Estrella e do Gerez e á sementeira dos tractos de terreno desde as margens do Liz á Figueira da Foz.

Queremos corroborar a nossa opinião com o testemunho auctorisado e insuspeito d'um dos nossos primeiros silvicultores, o lente do instituto geral de agricultura, Antonio Xavier Pereira Coutinho.

No 1.º volume do seu interessante *Curso de silvicultura*, quando trata da influencia dos arvoredos sobre as montanhas, chega a estas conclusões:

1.ª As florestas seguram as terras nas ladeiras, e, por este facto, diminuem os materiaes arrastados pelos cursos de agua, ao mesmo tempo que aproveitam com seus productos lenhosos e corticaes terrenos aliás desaproveitados.

2.ª A *manta* da floresta, eminentemente porosa, diminue a fracção da agua da chuva que escorre ao longo do solo, e torna, por isso, as cheias dos rios menos volumosas e sobretudo menos repentinas.

3.ª As florestas, diminuindo a evaporação do solo e augmentando, como dissemos, a quantidade da chuva, concorrem para tornar mais numerosos os cursos de agua, ao mesmo tempo que regularisam pelo melhor regimen.

4.ª Se a arborisação das bacias hydrographicas melhoram consideravelmente o regimen das aguas, o revestimento florestal nas margens baixas de alguns rios protege muito os campos visinhos, quebra a força da corrente, attenua os effeitos dos estoques de agua e póde obrigar á deposição de ferteis colmatas.

Dispensamo-nos de transcrever os fundamentos d'estas conclusões, que o intelligente agronomo desenvolve com a maior clareza e proficiencia, porque não dispomos de espaço para isso, embora privemos os nossos leitores do conhecimento de doutrina tão util e interessante. Apenas citaremos as ultimas palavras d'este artigo, que veem de molde a provar a orientação pratica e racional que actualmente se imprime na direcção geral de agricultura na satisfação d'estes melhoramentos agricolas. São estas: «Arborisação das dunas e das montanhas são dois problemas dos mais importantes da nossa sylvicultura. Para a resolução do primeiro alguma coisa se tem trabalhado, embora pouco; o segundo é completamente novo para Portugal».

Pois é na resolução d'estes dois problemas que agora se acha empenhado o nobre ministro das obras publicas. Estão já preparados estudos largos sobre o assumpto, e teem sido expedidas ordens para os realisar com o desenvolvimento exigido pela sua importancia e pelos recursos do orçamento do estado. Só temos a louvar quem assim comprehende a alta missão de que o investiram, dotando o paiz com os elementos de riqueza, que o felicitarão n'um futuro curto.

A justiça virá tarde, mas ha-de vir.

As reformas do ministerio das obras publicas n'este biennio ultimo hão-de ficar ahi para attestar a administração superior do actual governo.

O paiz irá reconhecendo quem são os seus amigos e quem sabe servil-o com interesse e utilidade.

Os factos são estes; o resto é... *politica.*

A EXPOSIÇÃO DOS VINHOS EM BERLIM

Vão muito adiantados os trabalhos para a exposição de vinhos portuguezes em Berlim. Segundo nos consta, da região do Norte irão cerca de cincoenta mil garrafas, perfeitamente classificadas: vinhos dos espositores com a designação dos seus nomes e localidades; vinhos de lotação, com o typo da região; vinhos de lotação com o typo de regiões afins. Attenta a competencia do delegado technico o exm.º snr. visconde de Villar d'Allen não podemos duvidar da classificação adequada de essas amostras, que vão ser presentes ao mercado allemão. Consta-nos egualmente que o ex.^{mo} sr. José Taveira de Carvalho, que é outro delegado, prepara um excellente relatorio sobre a exposição, para ser presente em Berlim, o qual, provavelmente, será precedido de uma noticia resumida em lingua allemã, para ser melhor comprehendido pela maioria dos visitantes.

Um convite muito simples, benevolo e realmente sincero á Associação Commercial do Porto deu occasião a uma resposta aspera e desabrida por parte da direcção do mesmo gremio. O senhor visconde de Villar d'Allen deu a esse documento uma replica, que collocou a questão no seu verdadeiro terreno.

No *Commercio do Porto* se publicou tanto o officio do ex.^{mo} presidente da direcção da Associação Commercial como o do nobre vice-presidente da commissão da exposição de vinhos portuguezes em Berlim. Já que este jornal julgou acertado publicar o primeiro era indispensavel que se fizesse conhecer o segundo. Com effeito a auctoridade do signatario do officio da direcção podia causar impressão em quem não houvesse seguido este negocio desde o seu inicio; forçoso era pois oppôr a essa auctoridade a incontestavel logica dos factos.

Quando a Sociedade de Geografia Commercial de Berlim resolveu que se fizesse uma exposição de vinhos portuguezes na capital do imperio, dirigiu-se, no nosso paiz, a quem podesse promover essa exhibição, mas com a maxima singeleza e verdade. A Sociedade de Geographia allemã queria conhecer os typos dos vinhos portuguezes, já simples, já medios, já lotados, mas declarando-se explicitamente as lotações que se fizessem.

Não era á Associação Commercial do Porto a quem essa corporação se podia dirigir, porque lá fóra sabe-se como se sabe aqui, por ser mais do que notorio, que a Associação Commercial do Porto repelle essa distincção e favorece o commercio de vinhos, como os negociantes o queiram fazer, mas sem a exacta designação da região productora.

Tem sido este um ponto de profunda intransigencia na sua politica commercial, que só tem sido combatida pelos productores, os quaes tem sustentado que essa politica é prejudicial aos interesses publicos e attentatoria dos direitos das regiões, especialmente d'aquellas que adquiriram um nome historico. Quem lêr o programma da exposição e attender na marcha dos negocios, comprehende immediatamente que a ideia, que preside ao certamen é opposta áquella que tem predominado nos conselhos da Associação Commercial do Porto, adversaria decidida das marcas de região e da exportação com esses caracteres significativos.

Escolheu pois a Sociedade de Geographia outros auxiliares, que lhe merecessem mais confiança, e deixou de recorrer directamente á Associação Commercial do Porto, cujas doutrinas eram de sobejo conhecidas nos centros commerciaes.

Resultou d'aqui a nomeação d'uma commissão, em que prepondera o elemento productor. Não havia nem podia haver pensamento de excluir o elemento exportador; e se alguns dos mais conspicuos e importantes commerciantes não foram convidados para tomar parte na direcção dos trabalhos da exposição é porque a experiencia havia mostrado que elles se recusam sempre a cooperar com os productores no que importa á organisação de um commercio de vinhos com o caracter distinctivo das regiões productoras ou com o de lotações, especificando-se quaes ellas sejam.

Convidal-os com a certeza de uma recusa era acto de menos bom conselho. Não se convidaram pois para a direcção; mas não se omittiu o convite em geral por annuncios e o individual por carta. Tudo isto se fez e immediatamente que se organisou a commissão promotora, que foi solicita em cumprir a missão, que lhe foi incumbida. Esses commerciantes podiam expôr o que quizessem e como quizessem; á commissão só cumpria receber os artigos, classifical-os e envial-os. A Associação Commercial, como corporação não se tornaria expositora, porque não é esse o seu caracter, mas poderia prestar o seu auxilio moral á tentativa, que se fazia.

Foi o que se lhe pediu, e nunca com a intenção de declinar sobre ella responsabilidades, que se assumem completas. A resposta da direcção, representante da associação, aliás inesperada, porque o patriotismo aconselhava outro procedimento, mostrou com quanto acerto se andou não entregando a direcção da exposição aos cavalheiros, que estão dominados pelas mesmas ideias.

Quem meditar no que já se tem escripto a este respeito facilmente reconhece uma má vontade, que se não allia com o generoso intento da Sociedade de Geographia de Berlim e com o auxilio, que o governo portuguez patrioticamente quiz dar a este ensaio.

Não é sem impressão dolorosa que vemos malsinar a exposição e clamar por causa das despezas, que ella vae occasionar, porque necessariamente se ha de dispender para arranjar uma porção tão consideravel de amostras, leval-as a Berlim e collocal-as convenientemente. E quando se vê impassivelmente gastas sommas avultadas com mil cousas, claramente inuteis, custa a crêr que só se chore o que se vae dispender com o fim de alargar a área do nosso commercio, da nossa exportação e da producção do paiz. Quando mesmo succeda que a exposição em Berlim não traga resultados praticos palpaveis, o que não esperamos, era bem arriscada a despeza que se faz com as vistas de que se consigam esses mesmos resultados.

E esses zeladores do emprego dos dinheiros do contribuinte tem muito por onde exercitem a sua critica, poupando uma exposição tão promettedora como é a de que se trata, d'onde o contribuinte póde auferir larga indemnisação do que agora se lhe exige com o fim de realisal-a.

Até o malogro de outra tentativa, occorrida ha quatorze annos, é adduzido como argumento irrespondivel, como se se escrevesse sobre um acontecimento que não estivesse na lembrança de todos.

O sabio illustre que dirigiu a exposição de Kensington deixou a historia do que fez e das razões, que determinaram o mau exito do seu trabalho. Essa historia impressa em 1876, deverá ser percorrida por aquelles que se apresentam a combater a exposição de 1888. O sr. Antonio Augusto de Aguiar já não existe, mas não baixou ao sepulchro sem deixar essa historia, que lhe servir de lição para mais tarde, quando guindado ás eminencias do poder, retomar o emprehendimento por modo que não viesse a naufragar nos mesmos escolhos.

Foi por isso que elle imaginou a creação de commissões promotoras, hoje extinctas, mas sobrevivas nas actuaes commissões que organisam a exposição de Berlim.

Estas commissões estudaram a historia escripta e por isso evitaram desde já o que prejudicou a exposição de Kensington.

O sr. Antonio Augusto de Aguiar escreveu o seguinte:

«Feito o computo total, embarcamos com destino a Londres perto de trinta mil garrafas de vinho! Bom e mau tudo embarcou—*Trinta mil soldados indisciplinados*, para guerrearem tropas regulares e aguerridas no paiz da obediencia.»

Eis o que se procurou acautelar agora. Irão 40 ou 50 mil soldados, mas melhor disciplinados e mais aptos para o combate no paiz onde o exercito é a principal força.

Tambem aquelle illustrado estadista escreveu:

«Escolher um typo, que represente a *media dos vinhos* de uma região, segundo o paladar mais commum e apresentar um unico vinho que tenha largo consumo, é menor riqueza theorica, mas maior riqueza pratica».

E' o que determinou a commissão actual a organisar os typos medios da região, e os typos ainda medios de regiões affins.

Tambem elle disse:

«A noticia das encommendas tinha causado em Portugal a mais agradavel impressão. O não satisfazermos a ellas é que não produzia em Londres effeito egual.»

Eis agora a questão. Não está ella na organisação da exposição. Essa faz se, vae por diante, com o auxilio ou sem o auxilio da direcção da Associação Commercial do Porto, com a benevolencia ou a lucta dos seus orgãos. E' um facto que já se não póde discutir.

A questão está pòsta nas ultimas linhas, e d'ahi resultará a applicação pratica do que se vae fazer.

Recusar-se-ha a direcção da Associação Commercial a cooperar para que se resolva este ponto?

Não o cremos. O interesse publico e o do commercio mesmo exigem que se trate d'este assumpto.

A commissão promotora espera que, finalmente postos de lado os caprichos, ha-de encontrar a auxiliar os seus esforços aquelles mesmos que agora parecem querer contrarial-a; mas se ainda n'esta bem fundada esperança se vir illudida, não cessará de recorrer ás suas proprias forças, ao seu patriotismo e á sua energia para dar uma solução ao que realmente é difficil.

E' manifesto que o mercado allemão ha-de abastecer-se por grandes quantidades, e nenhum productor dispõe d'ellas; o typo medio só póde conseguir-se em larga escala por entidades, que estão por crear. E' o ponto mais difficil do problema, que hoje se offerece á commissão organisadora.

Conde de Samodães.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Continuamos a publicar o catalogo dos productos expostos pela *Empreza Industrial Portugueza*, na exposição industrial portugueza de 1888:

CLASSE XLII

Quinquilharias—Objectos de ferrageiro—Obras diversas de ferreiro e caldeireiro—Apparelhos de aquecimento.

Argolas para portas:

Numeros	Reis
121	270
122	270
123	400
124	360
125	500
126	600
127	350
128	750
129	500
130	600
131	800
132	600
133	700
134	600
Batentes:	
44	300
45	320
46	340
47	400
48	450
49	500
50	600
51	300
52	350
53	300
54	500
Batentes d'argola:	
113	250
114	400
116	600
117	600
118	600
119	700
120	600
Bilheteira com pé, n.º 195	2$800
Chapas para cartas, n.º 96	600
Qualquer dos outros moldes	500
Cabeças de cavallo—grandes	4$000
» —pequenas	2$000
Castiçaes n.º 1—cada	250
» n.º 2— »	300
Caixa de ferro, n.º 91	600

Consolas:

Numeros	Reis
1	70
2	85
3	90
4	95
5	100
6	120
7	165
8	210
9	260
10	280
11	300
12	500
Consolas com florão	800
Consolas A, n.º 157	100
» » 158	120
» » 159	280
» » 160	320
» » 151	400
Cinzeiros:	
18	300
19	300
20	300
21	300
22	300
23	240
24	160
25	240
26	160
27	400
Concha gr.	120
Carôcha	200
Taça	160
Escudete de latão	600
Escudetes:	
78	100
79	120
80	120
81	120
82	120
83	140
84	160
85	160
86	200
87	300
88	160
Ferros para alfaiates, n.º 4	840
» » 5	980
» » 6	1$300
» de engommar, pequenos	120
» » , grandes	160
Fogões de salla—redondos	9$000
» » —quadrados	22$500
Prensas para aperto de rolhas, n.º 1	400
Idem, idem, n.º 2	300
Palmatorias, n.º 59	200
» 62	240
Placas para candieiro, n.º 173	600
Qualquer dos outros moldes	500
Charruas de 1 aipo	7$500
» 2 »	9$000
1 Cavallete de ferro	4$500

Puchadores para portas:

Numeros	Reis
103	200
104	360
105	240
106	260
107	500
108	500
109	800
110	700
111	600
112	600
(1) Ponte de ferro sobre o Guadiana	41:406$000
(2) Pyramide para os trabalhos geodesicos na provincia d'Angola	220$000

Modelo reduzido de 1 torpedo lenticular; (fornecemos 196 d'estes torpedos para a defeza da barra de Lisboa).

Modelo reduzido de 1 bala de artilheria, (fabricado para obter o privilegio em Portugal) *aperfeiçoamento de F. Krupp*, permittindo á bala, de alcançar a velocidade maxima das balas ogivaes, sem prejuizo das qualidades perfuradoras das cylindricas.

CLASSE XLIII

Objectos de escriptorio

Bandejas para canetas	300
Descanço de canetas: n.º 2—columnas	300
» 1—razo	200
Ganchos para papel	160
Pezo para papeis: n.º 1—balas	400
» 2—pé de cabra	200

Prensas de copiar:

Numero	Dimensões	Reis
1	0,27 × 0,22	3$200
2	0,28 × 0,23	4$000
3	0,29 × 0,21	8$000
4	0,295 × 0,24	12$000
5	0,30 × 0,24	15$000
6	0,37 × 0,245	22$500

CLASSE XLV

Jogos para recreação

Alters	80 reis o kilo

CLASSE LIII

Viação ferrea é peças soltas

Caixas de lubrificação (para wagons)	3$500
Rodados para wagonetes, vazados em coquilhes—cada kilo	100
Modelo de wagonete (capacidade—1 metro)	200$000

CLASSE LIV

Cadernaes de ferro—3 gornes, 0,120 de diametro—cada	7$500
Moldes da machina a vapor e modelo das 3 lanchas de ferro fornecidas para a Alfandega de Lisboa	7:000$000
Comprimento	18 metros
Largura de bocca	3,5 »
Pontal a meio	2, »
Callado d'agua	1,70 »
Marcha—8 milhas.	
Moldes da machina a vapor e modelo da lancha de ferro fornecida para o Pará	3:000$000
Comprimento	$10^{m},668$
Largura de bocca	$2^{m},438$
Pontal a meio	$1^{m},220$
Callado d'agua	$0^{m},608$
Marcha—8 milhas.	
Moldes da machina a vapor e modelo da lancha de madeira—systema americano—fornecida para a escola e serviço de torpedos	2:500$000
Comprimento	$9^{m},750$
Largura	$2^{m},230$
Pontal a meio	$1^{m},300$
Callado d'agua	$0^{m},990$
Marcha—9 milhas.	
Moldes da machina a vapor e modelo de 1 pequena lancha de ferro fornecida para serviços no rio Minho	1:800$000
Comprimento	$7^{m},300$
Marcha—7 Milhas.	

(Continua.)

CARTA DE ANADIA

11 DE SETEMBRO.

Esta villa, sr. redactor, não nos proporciona noticias que possam satisfazer os leitores do seu mui acreditado jornal, já porque não passam de uns bofetões trocados de quando em quando entre duas ou mais d'estas mulheres que só se empregam em desacreditar-se reciprocamente; já porque é pouco povoada e por tanto são poucos os accidentes importantes. Responsabilisei-me, comtudo, a relatar amiudadamente no seu jornal os acontecimentos diarios dados n'esta villa e, escravo que sou da minha palavra, prometto não só descrever os que mais realçarem pela sua importancia, excellencia e originalidade, como tambem os mais insignificantes.

---

(1) Este taboleiro metallico destinado á ponte sobre o Guadiana na estrada d'Evora a Mourão por Reguengos;—tem o comprimento total de 256 metros;—é dividido em 2 tramos independentes e 6 continuos;—a sua largura é de 4 metros na faxa de rolagem e de 1 metro de largura em cada um dos passeios lateraes. Total entre as guardas:—6 metros.

(2) Esta pyramide é volante e todas as peças de que é composta são independentes, e ligam por meio de parafusos os 8 corpos em que é dividida.

Tem cerca de 8 metros de altura e compõe-se de 3 partes pyramidaes:—a superior tem 2 metros de alto e 3 metros em quadrado—a media—2 metros em quadrado e 5 metros de alto e a superior 1 metro por 1 metro. A da base tem um tejadilho de 4 aguas destinado a vidro fosco ou capim, ou ambas as cousas—sobrepondo-se a segunda á primeira—a parte superior cercada nas suas 4 faces do panno de lona—além da sua applicação tambem um excellente abrigo ao geodesico.

Toda a applicação e completa utilidade d'esta pyramide acha-se perfeitamente descripta no Relatorio *Trabalhos geodesicos em Angola* apresentado a s. ex.ª o ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar pelo tenente-coronel de artilheria o ex.^{mo} sr. A. Guilherme Ferreira de Castro.

— Hontem, 10 do corrente, por seis horas da tarde, pouco mais ou menos, foi o Cabecinho, uma das ruas d'esta villa, testemunha d'um caso interessante. Vejam.

Uma tal Maria Carcereira, mulher já de todos reconhecida como desordeira, calumniadora e especialmente dedicada, como toda a sua familia,... ao deus Bacho, travou-se de razões com Maria Conde, por esta a ter tractado um pouco desairosamente em consequencia d'aquella lhe haver espancado um seu filho ainda creança. Depois de um longo trocadilho de phrases obsenas de que coube melhor quinhão á Carcereira, retirou-se a dita Maria Conde que não tardou a ser maltratada pela sua contendente que, não saptisfeita em espancal-a, gritou ainda á voz d'el-rei. A Conde está gravida e soffre no leito as consequencias da *amabilidade* da sua *amiga*. A Carcereira corre as ruas d'esta villa com o riso sarcastico a pairar-lhe nos sujos labios e talvez á saude d'esta acção *heroica* bebesse com sua mãe e tia mais um copo do bello *roxo* a que tanto são affeiçoadas.

— E' no sopé do monto Crasto que principia a estender-se esta villa tão poetica, tão famosa. Foi n'este monte, de que se descortina um panorama atrahentissimo de que eu não posso fazer descripção por ser assumpto muito superior ás forças d'um homem sem intelligencia sufficiente e sufficientes conhecimentos litterarios, que se celebrou no dia 8 do corrente a festa em honra a Nossa Senhora das Febres. Foi concorridissima como era de esperar, em vista da differença para mais que tem havido todos os annos em romeiros. Foi juiz d'esta festa o nosso bom amigo o sr. Liz Teixeira, cavalheiro respeitabilissimo, d'esta villa, que desempenha ha bastantes annos com o maior zelo e honradez o alto cargo de escrivão de direito do 2.° officio n'esta comarca. Tocou, durante o fogo, a philarmonica d'esta villa que desempenhou com admiravel acerto variadas e importantissimas peças do seu vasto reportorio.

— Nada mais em noticias que possam prender a attenção dos leitores, por isso—ponto final.

Marco.

SECÇÃO LITTERARIA

O D. ALVARO

Chamava-se D. Alvaro Henriques Romulo de Sousa Tavares, nada mais, e nada menos. Era de uma fealdade hereditaria, mesmo excepcional, mas attenuava a pirraça que a natureza lhe fizera, vestindo-se com uma elegancia que o proprio Antonio da Cunha Sotto Maior não desdenharia, se o forçassem a acceitar figurino.

Enteado de um velho general de engenheiros que aprendera no seu Vauban a levar de assalto as praças fortes, a mãe de D. Alvaro, de quem o filho era o verdadeiro retrato, deixou-se conquistar, passando a segundas nupcias com o experimentado cabo de guerra.

Liberto da auctoridade do padrasto (a estrategia do general excluia as escaramuças com o enteado) D. Alvaro gastava á farta do que era seu, apenas sopeado pela mãe, que lhe aconselhava a guardar um bocado de pão pára a velhice.

Como um alfaiate só não satisfizesse aos seus requintes de *toilette*, um lhe fazia as calças, outro lhe cortava os phantasiosos casacos, um outro ainda se encarregava do talhe dos coletes. Amigo intimo de Domingos Ardisson, era este quem, arvorado em Mentor de tão docil Telemaco, o guiava pelas sendas tortuosas dos bastidores do theatro de S. Carlos, pondo cobro á acceitação que elle julgava merecer ás dançarinas, e que mais não era do que namoro á bolça do perdulario.

Um dia D. Alvaro deixou-se fascinar pelas toiradas chamadas dos fidalgos, e quiz tambem experimentar para que lhe chegava a habilidade, mas convenceu-se em breve de que não podia passar de moço de curro, e abandonou a carreira, não sem ter apparecido na praça vestido com apurado esmero, mas fugindo sempre ás primeiras arremessadas do toiro.

Já proximo dos quarenta annos, resolveu-se a casar com uma senhora, *menina e moça*, como a do Bernardim Ribeiro, e tambem rica, qualidade pouco romanesca, mas indispensavel, nos casamentos chamados de conveniencia. Recordo-me de haver sido advogado da parte adversa a D. Alvaro, n'este lance da sua vida domestica, defendendo as aspirações matrimoniaes de um seu rival, perdendo eu a causa de que era patrono, *ex-officio*.

Passados poucos annos, enviuvava D. Alvaro, mas ficava-lhe uma filha a garantir-lhe a posse dos haveres da finada esposa. Com o seu orçamento assim equilibrado, resolveu D. Alvaro partir para Paris a espairecer as suas maguas, e na desculpavel intenção de rejuvenescer com as alegrias da grande cidade.

Era pela epocha da primeira exposição universal que teve logar em Paris, e em pleno reinado de Napoleão III. Paris regorgitava de forasteiros, attrahidos não só pelo seu certamen industrial, mas pelos milhares de diversões de todos os generos, com que a imaginação franceza sabe sobredoirar todas as insignificancias. No numero das novidades parisienses entrava então uma mulher que prognosticava futuros, e fazia andar a cabeça á roda a quem a consultava pela exactidão dos seus vaticinios. Não era a formosa franceza uma bruxa vulgar, como as nossas são, tirando cartas, queimando alecrim, dando curso ás suas nigromancias na fé do velho S. Cypriano, o mais acreditado dos desvendadores de verdades reconditas.

A franceza que se dispozera a especular com a credulidade dos forasteiros, accudidos a Paris em nome da exposição universal, era uma mulher ainda nova, bonita, de olhar meigo e fallas attrahentes. Dizia-se que não havia esposa infiel em que ella não pozesse dedo: avarento que não visse denunciados os seus thesouros; namorado que não soubesse em que lei havia de viver, depois de ter ouvido a palavra solemne da pythonissa. Muitos portuguezes, guiados uns pela simples curiosidade, outros pela fé, de que em publico se envergonhavam, iam surrateiramente, ás escondidas, consultar a feiticeira.

No numero dos peregrinos entrou D, Alvaro, levado, devemos crêl-o, mais pelos olhos da mystificadora, que era além d'isso um modelo de estatuaria, do que pelo convencimento de ver tirados a limpo os arcanos do futuro.

A intrepida feiticeira viu-o, estudou-o, fez-lhe algumas perguntas insidiosas, analisou-lhe detidamente as linhas da palma da mão, e concluiu por lhe prophetisar um paraizo de Mafoma, com muitas huris esbeltas e pouco esquivas, e muito dinheiro para comprar as graças das mais rebeldes, mas... aqui é que iam as tristezas do horoscopo, tudo por pouco tempo, por que ao regressar á patria devia de dar uma queda fatal, que seria o termo de uma existencia levada a cabo por uma estrada semeada de flores.

Um anno depois D. Alvaro sahia de sua casa, no alto da rua de S. Bento, mettia-se no seu trem, puchado a dois cavallos, e que elle proprio costumava guiar, com a mestria de um cocheiro de profissão. Ainda bem não tinha tocado nos cavallos, quando estes partiram ás cegas em vertiginosa carreira, tomando o freio nos dentes, e cuspindo violentamente D. Alvaro de encontro á quina de um portal, deixando-o morto instantaneamente.

Os amigos mais intimos de D. Alvaro diziam depois, que elle ficára sempre preoccupado com a triste prophecia que lhe fizera a espiritista, e que, procurando sempre evitar as occasiões de a vêr realisar, do medo de que se deixára possuir resultara o tragico acontecimento de que acabava de ser victima.

O caso é que, ainda mezes depois de se haver realisado a prophecia da franceza, conheci alguns lentes das escolas superiores do nosso paiz, e alguns funccionarios de elevada cathegoria, que tambem tinham consultado Egeria parisiense, preoccupados e tristes, receiando vêr verificados os prognosticos da tentadora.

Alguns d'elles ainda vivem. A's vezes, quando os encontro, pergunto-lhes:

— Então como vamos a respeito de bruxas?

A resposta é um sorriso, um d'estes sorrisos amarellos, como lhe chamam, que não dizendo nada, significam muito. Eu estou em dizer que a espiritista que exemplificou em D. Alvaro a sua presciencia do futuro, ainda hoje trota no animo de muitos que a consultaram, embora alguns d'elles sejam já conselheiros, qualificação que entra tambem pelos dominios.... da bruxaria.

L. A. Palmeirim.

SANGUE ROMANHOLO

(CONTO ITALIANO)

N'aquella noite a casa de Ferruccio estava quasi deserta. Ferruccio e a mulher tinham ido a Forli fazer compras e só deviam regressar no dia seguinte. Estava só em casa a velha avó, quasi paralyptica e o netinho, o pequeno e travesso Ferruccio, traquina de 10 anno.

A casa era isolada. Era já tarde quando o travesso rapazito alli chegou, sujo e roto de ter andado a jogar a pedrada e a brincar com os companheiros na aldeia proxima.

A avó que o amava tão loucamente como todas as avós amam os netos, por mais traquinas que elles sejam, reprehendeu-o.

— Tu não tens amisade alguma á tua infeliz avó. Que coração é o teu para te aproveitares d'este modo da ausencia de teu pae e de tua mãe para me dares desgostos? Todo o dia me deixaste só... Não tiveste pena de mim!... Toma conta em ti, Ferrucio... vaes por um mau caminho que te conduzirá a um triste fim. Tenho visto outros que principiaram como tu, e acabaram mal. Começa-se a fugir de casa, a entrar em rixas com os outros rapazes, a perder dinheiro ao jogo; depois, pouco a pouco, das pedradas passa-se ás facadas, do jogo aos outros vicios, e dos vicios... ao roubo.

Ferrucio escutava a tres passos de distancia, com o queixo sobre o peito, e as sobrancelhas franzidas, abrazado ainda pelo calor da lucta. A meio da testa caía-lhe uma madeixa de cabellos castanhos, e conservava os olhos azues immoveis. A avó, chorando, repetia:

Pensa bem n'isto Ferrucio. Pensa n'aquelle desgraçado aqui visinho, no Vito Mazzoni, que anda agora na cidade feito um vagabundo; que aos vinte e quatro annos já tinha estado duas vezes na cadeia e matou de desgostos a sua pobre mãe, que eu conheci, obrigando o pae a fugir para a Suissa, desesperado. Lembra-te d'esse infeliz, a quem teu pae se envergonha de cumprimentar, sempre acompanhado de scelerados peiores do que elle, até ao dia em que cairá nas galés! Olha que o conheci bom rapaz e principiou como tu. Por esse caminho levarás teu pae e tua mãe ao mesmo fim.

Ferrucio meio vencido pela commoção ia lançar-se nos braços da avó, quando lhe pareceu ouvir um ligeiro rumor, um estalido no quarto proximo, que dava para a horta. Não poude porém distinguir se eram as portas das janellas batendo impellidas pelo vento, ou se era qualquer outra cousa. Apurou o ouvido. A chuva caia a cantaros. O romor repetiu-se, e a avó tambem o sentiu.

— Que será? perguntou ella depois de um momento, perturbada.

— E' a chuva, respondeu o rapaz.

— Ora vamos Ferrucio—disse a velha, esfregando os olhos—promettes-me que has-de ser bom, e que não mais ha-de fazer chorar a tua misera avó?

N'isto um novo rumor ligeiro a interrompeu.

— Mas... aquillo... não me parece chuva! exclamou empallidecendo.—Vae ver.

E acrescentou logo:

— Não vás... fica aqui, e agarrou na mão de Ferrucio.

Ficaram ambos com a respiração tomada. Não ouviam senão o estrepito da agua!... Depois estremeceram ambos. A um e outro pareceu sentir um arrastar de pés no quarto.

— Quem está ahi? perguntou o rapaz, recobrando a voz a custo.

Ninguem respondeu.

— Quem está ahi?—tornou a perguntar Ferrucio tranzido de susto.

Apenas pronunciadas aquellas palavras, a avó e o neto soltaram um grito de terror. Dois homens appareceram repentinamente na sala. Um agarrou o rapaz e tapou-lhe a bocca com a mão; o outro apertou as guelas a velha. O primeiro disse:

— Silencio, se não morres!... o segundo: Cala-te!—E levantou uma faca. Ambos traziam a cara tapada por um lenço escuro com dois buracos deante dos olhos. Por um momento não se ouviu mais que a respiração penosa de todos quatro, e o estalar da chuva na vidraça. A velha dava roncos cavernosos e tinha os olhos fóra das orbitas. O que prendera o rapaz, disse-lhe ao ouvido:

— Onde tem teu pae o dinheiro?

— Acolá... no armario.

— Anda commigo—disse-lhe o ladrão. E arrastou-o pela sala, apertando-lhe a garganta. No chão estava uma lanterna de furta-fogo.

— Onde está o armario?

O rapaz, suffocado, apontou para o armario. Então, para segurar bem a creança, o ladrão pôl-o de joelhos diante d'elle, apertando-lhe fortemente o pescoço com as pernas, de modo a poder suffocal-o se gritasse; e segurando a faca entre os dentes e a lanterna n'uma mão, tirou do bolso com a outra um ferro aguçado, introduziu-o na fechadura, sondou, quebrou, escancarou as portas, remexeu furiosamente tudo, encheu as algibeiras, fechou, tornou a abrir, revolvendo tudo de novo; depois agarrou o rapaz pela garganta e trouxe-o de rastos até onde estava o companheiro, que ainda conservava subjugada a velha convulsa, já com a cabeça caida e a bocca aberta. Este perguntou em voz baixa:

— Appareceu?

O companheiro respondeu:—Appareceu, accrescentando:—Espreita á porta.

O que prendera a velha, correu á porta da horta a ver se estaria alguem, e disse de fóra com que parecia um assobio:

— Vem.

O que tinha ficado e segurava ainda Ferrucio, mostrou a este a faca, e á velha que reabria os olhos e disse:

— Nem um pio! senão volto atraz e corto-lhe as guellas.

N'isto ouviu-se ao longe, pela estrada, um canto de muitas vozes. O ladrão voltara subitamente a cabeça para a porta e n'aquelle movimento violento, caira-lhe o lenço da cara. A velha soltou um grito:

—Mazzoni!...

— Maldita! rugiu o ladrão reconhecido—vaes [illegible] E lançou-se de faca em punho contra a velha, que desmaiára.

Mas com um movimento rapidissimo, soltando um grito desesperado, Ferruccio atira-se sobre a avó, cobrindo-a com o proprio corpo. O assassino fugiu, arremessando ao chão a mesma lanterna, que logo se apagou. O rapaz escorregou lentamente de sobre a avó, e caindo de joelhos, ficou n'aquella posição, com os braços em volta da cintura da paralytica e a cabeça no seio d'ella. Passaram assim alguns momentos no meio da escuridão, o canto dos aldeões ia-se perdendo ao longe pela campina...

A velha tornára a si.

— Ferrucio! balbuciou ella, com voz apenas inintelligivel, batendo os dentes.

— Avó! respondeu o rapaz.

A velha fez um esforço para fallar, mas o terror paralisára-lhe a lingua. Esteve um momento silenciosa, tremendo violentamente. Depois conseguiu perguntar:

— Já aqui não estão!

— Não.

— Não me mataram... murmurou a velha com voz suffocada.

— Não, está salva! disse Ferrucio com voz fraca. Está salva querida avó. Roubaram dinheiro, mas o pae tinha-o levado qnasi todo comsigo.

A avó respirou.

— Avó; disse Ferrucio sempre de joelhos apertando-a nos braços: querida avó! E' muito minha amiga, não é?

— Oh! meu pobre filho, respondeu ella, correndo-lhe a mão pelos cabellos. Que susto não deves ter tido! Oh! Senhor de Misericordia!... Accende uma luz... não fiquemos ás escuras que ainda estou com medo.

— Avó, continuou o rapaz, eu tenho-lhe dado muitos desgostos...

— Não tens, não, Ferrucio; não digas essas coisas. Eu já esqueci tudo... e quero-te muito! muito!

— Tenho-lhe dado muitos desgostos, repetiu Ferrucio a custo, com a voz tremula, mas olhe que sempre fui seu amigo. Perdôa-me, sim, avó?

— Sim, filho, perdôo-te de todo o coração. Não estejas de joelhos, levanta-te, meu filho. Não te torno mais a ralhar. Tu és bom! Accendamos a luz. Tomemos um pouco de coragem. Levanta-te, Ferrucio.

— Muito obrigado, avó, disse o rapaz com a voz cada vez mais debil; agora já estou contente e a avó ha de recordar-se de mim, não é verdade? Ha de recordar-se sempre de mim, do seu Ferrucio.

— Meu filho! exclamou ella surprehendida e sobresaltada, apalpando-o inclinando a cabeça para ver-lhe o rosto.

— Recorde-se de mim, murmurou ainda o rapaz, com uma voz que parecia um sopro. Dê um beijo a minha mãe... a meu pae... á Luizinha... Adeus, avó...

— Meu Deus! meu Deus! que tens? gritou a velha, apalpando anciosamente a cabeça do rapaz, que se lhe havia abandonado sobre os joelhos, e, com quanta força tinha, exclamou no maior desespero:

— Ferrucio! Ferrucio! Ferrucio! meu querido filho! Anjos do céu, valei-me!

Mas Ferrucio não respondeu mais, o pequeno heroe, o salvador da mãe, entregára a sua bella e corajosa alma a Deus.

A AVESINHA, A PEROLA E A ROSA

(Catulle Mendes.)

A avesinha disse:

— Ai! já não torno mais a cantar!

*

A perola disse:

— Ai de mim, perdi todo o meu brilho!

*

— O que é ainda bem mais cruel, disse a rosa, é não possuir eu a voz da ave nem o pallido brilho, n'um tremulo oriente, da perola.

*

Como acontecesse de passar por ali, ouvi-as e não pude ser insensivel á melancolia da rosa, da perola e da avesinha. Tentei consolal-as.

— E' preciso tambem pensar um pouco, lhes disse. Não se póde ter tudo. Já bem invejavel é encheres de encanto com os teus gorgeios os silencios nocturnos, avesinha; seres tão clara e branca como uma lagrima cahida dos olhos longinquos da lua, perola; seres tão perfumada como as boccas das donzellas, á hora em que o beijo te faz abrir, rosa.

*

Fallando todas ao mesmo tempo, a rosa, a perola e a avesinha, responderam-me:

— Ainda hontem assim pensavamos. O perfume, o brilho, o canto, eram, parece-nos, funcções sufficientes para de per si encherem de orgulho uma cousa creada, qualquer que fosse! Mas eis uma singular aventura: não longe de nós, uma senhora ainda nova passou...

— Que cantava melhor que eu, disse a avesinha.

— Mais luninosa que eu, disse a perola.

— Mais perfumada que eu, disse a rosa.

*

E as tres queixosas disseram mais:

— De maneira que foi uma derrota das mais duras; fomos obrigadas a admirar e a amar, reunidas em uma só pessoa, os tres encantos que nos pertencem!

*

Meditei um pouco e disse:

— Já calculo o que se devia ter passado. Marion veio aqui. Fazei por esquecer esse mau bocado e deixae-vos de tristezas. Pedir-lhe-hei—porque sou amigo d'ella—para nunca mais por aqui passar, a fim de não soffrerdes tal humilhação, pois que de todas as creaturas Marion é a unica que ao mesmo tempo é perfume, canto e luz!

REPOSITORIO

AMORES-PERFEITOS

Os *Amores-perfeitos* multiplicam-se ordinariamente por meio de semente.

A reproducção por estaca ou pela separação dos rebentões ou novos caules folhados, que produzem os grandes pés na sua base, e que ordinariamente são providos de raizes pequenas, só se pratica quando se deseja perpetuar as variedades notaveis, obtidas de sementeiras. A epoca mais conveniente para proceder a este modo de reproducção é o fim do estio, principios do outono e a primavera.

Ordinariamente as estacas feitas na primavera produzem no outono flôres mnito bellas.

No nosso clima a melhor épocha para fazer a sementeira dos *Amores-perfeitos* é nos mezes de agosto e setembro. As plantas novas devem ser transplantadas até novembro e expostas a todo o tempo. Os *Amores-perfeitos* provenientes d'esta sementeira são vigorosos e produzem grandes e bonitas flôres A sementeira feita na primavera não dá nem póde dar resultados satisfactorios, porque a floração das plantas provenientes da sementeira feita n'esta occasião, sendo activada antes que estas tenham tido tempo de brotar e fortificar, é sempre menos bella; isto é: as suas flores, ainda que abundantes, são muito pequenas e de coloridos pouco vivos e pouco caracterisados. A sementeira faz-se ordinariamente em plena terra, em alfobres de terra leve e bem esmiuçada, expostos ao sul.

Como todos sabem, o *Amor perfeito* é demasiadamente rustico e vegeta bem em todos os terrenos; todavia, só póde adquirir toda a sua belleza nas terras adubadas com estrume bem decomposto, e que sejam ao mesmo tempo leves e permeaveis á agua.

O que, sobretudo, convem para a cultura d'esta planta, é uma exposição bem arejada e illuminada.

De vez em quando convém regal-a com agua em que se tenha feito macerar por alguns dias um pouco de excremento de cavallo ou de boi, a fim de a fortificar e de lhe dar vigor.

No intuito de obter flôres maiores e mais espessas, muitas pessoas supprimem um certo numero de caules em cada pé, e cortam mesmo com a unha a extremidade das ramificações, de modo a não deixarem desenvolver mais do que um pequeno numero de flôres em cada caule. E' esta uma pratica muito racional, pois é certo que a seiva que tinha de ser distribuida por muitos caules e por muitas flôres vae por este modo ser empregada n'um numero limitado de flôres, em proveito da sua amplitude.

A origem das muitas variedades de *Amores perfeitos* actualmente cultivadas nos jardins é bastante duvidosa. Alguns auctores attribuem-a ao resultado do cruzamento de muitas especies botanicas; outros dizem que essas variedades são devidas a simples modificações e aperfeiçoamentos d'um só e mesmo typo, sendo os inglezes os primeiros que crearam as melhores fórmas e obtiveram as variedades mais perfeitas. A este respeito diz-se que Lady Tennet, filha do conde de Tankerville, fôra a primeira que se dedicára a cultivar o *Amor perfeito dos jardins*, semeando todos os annos as sementes das variedades que reputava mais bonitas; e, continuando com a maior perseverança este systema de selecção, obteve variedades, cuja belleza surprehendeu os mais habeis flotas inglezes. Dado o primeiro impulso, não faltaram amadores que imitassem a joven ingleza; e, como que á porfia, procurando todos crear os mais bellos typos, conseguiram que a famosa Albion tivesse o monopolio d'estas flôres encantadoras, assim como a Hollanda tivera o das *Tulipas*.

Por toda a parte se cultivam hoje *Amores perfeitos*, e por toda a parte se obteem variedades novas, que nada teem que invejar ás variedades inglezas.

José Marques Loureiro.

O HOMEM E A SOCIEDADE

O homem existe em todos os climas e sob todas as temperaturas, é portanto *cosmopolita*. Avalia-se em 1.000.000.000 o numero de habitantes da terra.

Contam-se tres gerações em cada seculo, suppondo-se aquelles de 33 annos, e, pois, tem existido até o presente 175 gerações desde o principio do mundo, sendo 55 da era vulgar.

Para um espaço de terreno igual ao em que existe um homem na Siberia, existem 3 na Noruega, 14 na Suecia, 36 na Turquia, 52 na Polonia, 66 na Hespanha, 99 na Irlanda, 114 na Suissa, 127 na Allemanha, 852 na Inglaterra, 153 em França, 172 na Italia Sptentrional, 192 na Italia Meridional, 224 na Holanda e 1:103 em Malta.

Fallam-se 3:043 linguas: 587 na Europa, 937 na Asia, 276 na Africa, 1264 na America.

O numero de homens e mulheres é quasi egual; entretanto para 40 creanças nascem 21 meninos, guardando a mortalidade a mesma proporção.

A quarta parte dos habitantes do globo vive em grandes povoações.

A vida média do homem é de 33 annos.

Das pessoas que nascem a quarta parte morre antes dos 7 annos e a metade antes dos 17 annos e a metado das pessoas que sobrevivem gosa do que não alcança a outra metade do genero humano.

Sobre 10:000 individuos um apenas chega a 100 annos. Sobre 100, 6 chegam a 66 annos, de cada 500 attinge 1 a 80 annos.

Contando-se sobre a terra, habitantes 1.000.000.000, morrem todos os annos 33.333.333 pouco mais ou menos, cada dia 91.324, cada hora 3.880, cada minuto 63 e cada segundo um individuo, perda compensada pelos nascimentos cujo numero sobrepuja de um vigessimo dos mortos.

O maior grao de vitalidade é de 1 por cento.

Os casados vivem mais tempo do que os solteiros. Os que teem uma vida activa, sobrevivem muito mais tempo. Os homens de estatura elevada vivem mais do que os de pequeno vulto.

As mulheres vivem menos que os homens até os 30 annos de edade que atravessada dá direito á mulher viver muito mais do que o ordinario.

O numero de matrimonio está em cada paiz como de 1.755 para 1.000.

O maior numero de nascimentos se verifica no mez depois do equinoxio do outono.

Os que nascem na primavera são homens fortes e bem constituidos.

Os partos são mais frequentes á noite do que de dia na relação de 5,3.

Morre maior numero de pessoas durante a noite do que de dia na relação de 5,3.

Em toda a população póde-se avaliar a quarta parte dos homens em estado de tomar armas e de supportar os trabalhos da guerra.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 10

Despachos concedendo licenças aos reitores dos lyceus do Porto e Bragança.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos nas áreas do consulado da Bahia, referido ao mez de dezembro de 1887.

Diario de 11

Concessão de differentes mercês honorificas.

Decreto declarando de utilidade publica e urgente a expropriação de um terreno em Cabeceiras de Basto para a construcção de um caminho ircinal para ligar o logar da Mó com o caminho ircinal de Ronha.

Mappa dos portuguezes fallecidos ua área do consulado de Sião durante o anno de 1887.

Diario de 12

Nota da liquidação e cobrança do imposto do real d'agua, referida ao mez de julho de 1888.

Annuncio da direcção geral de contabilidade publica para a compra de inscripções com o saldo disponivel da caixa das aposentações.

46

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Este tom d'indifferença e de dureza, diz lady Rowena, mal póde conciliar-se com o horror que parece exprimir. Ou não és tão máu como queres simular, ou não tens o poder que attribues.

— Não te deixes seduzir com essa ideia, respondeu de Bracy; e tempo te mostrará a sua falsidade. Pensa bem que o teu amante, o teu amante preferido está n'este castello, ferido, e indefêso; elle é um obstaculo entre Cabeça-de-Boi, e o que elle estima mais que todas as bellezas do mundo. Julgas que lhe ha des custar muito desembaraçar-se d'este obstaculo com uma punhalada? Talvez supponhas que elle não ouse fazer este acto de violencia manifesta. Muito bem, mas um pertendido medico póde administrar n'um recipe ao ferido um remedio, que o cure de todos os seus males. O que vigiar junto d'elle, póde, tirando-lhe o travesseiro debaixo da cabeça, facilitar a sua passagem para o outro mundo; e, em um como em outro caso, Ivanhoé morre, sem que Cabeça-de-Boi se possa suspeitar o author da sua morte. Cedric mesmo...

— Cedric, exclamou lady Rowena, o meu nobre, o meu generoso tutor! Ah! mereço as desgraças que me acontecem, pois que o posso olvidar para me occupar do destino de seu filho.

— Sim, o destino de Cedric depende tambem da tua determinação, diz-lhe de Bracy, e deixo-te o cuidado de reflectir.

Lady Rowena tinha sustentado até então esta scena com uma coragem admiravel, mas é porque não tinha considerado o perigo nem como serio, nem como imminente. O seu caracter natural era o que os fisionomistas attribuem geralmente á tez branca, suave, temida e sensivel; mas a educação tinha-lhe dado d'algum modo uma tempera mais forte. Acostumada a vêr ceder aos seus menores desejos todas as vontades, mesmo a de Cedric, ainda que bastante imperiosa para com qualquer outro, tinha adquirido uma especie de coragem e de confiança em si mesma, que nasce da deferencia constante de todos os que compõem o circulo, em que vivemos. Ella concebia apenas a possibilidade d'uma opposição aos seus designios, e muito menos ainda a ideia de ser tratada sem a menor consideração.

O seu genio imperioso e soberbo era por assim dizer ficticio, e a abandonou assim que os seus olhos viram o perigo, que o seu amante e o seu tutor corriam com ella, logo que conheceu que tratava com um homem robusto e resoluto, que tinha sobre ella todas as vantagens, e que se dispunha a usar d'ellas.

Depois de ter lançado os olhos em torno de si como se procurára soccorros inesperados, e depois de haver soltado algumas exclamações incoherentes, que não exprimiam cousa alguma, levantou as mãos ao céu, derramou lagrimas, e entregou-se ao mais violento desespero. Era impossivel vêl-a n'este estado sem ficar tocado de compaixão, e de Bracy sentiu-se commovido apezar de tudo, se bem que experimentasse ainda mais embaraço do que commoção. Viu que se tinha adiantado muito para poder recuar; e comtudo na situação, em que elle via Rowena, nem os raciocinios nem as ameaças podiam fazer impressão sobre ella. Passeava por todo o quarto, umas vezes induzindo a bella saxonia a socegar, outras reflectindo sobre o que devia fazer.

— Se me deixo enternecer com os choros e penas d'esta belleza inconsolavel, pensava elle, que fructo tirarei da minha empreza, a não ser a perda das boas esperanças que tinha concebido, pelas quaes corri tantos riscos e exprobrações do principe João, e dos meus companheiros? E todavia não nasci para o papel, que quiz representar. Não posso vêr a sangue frio tão bellos olhos banhados em lagrimas, feições tão encantadoras desfiguradas pelo desespero. Antes ella tivesse conservado o seu primeiro tom soberbo e orgulhoso, ou que eu tivesse, como Cabeça-de-Boi, um coração de ferro!

Agitado com estas reflexões só poude instar de novo com lady Rowena, para que se aplacasse; assegurou-lhe que ella não tinha razão em se entregar a uma tal desolação; que jamais fôra sua intenção causar-lhe tão violenta dôr; emfim que era o excesso da sua paixão que o tinha excitado, apezar de tudo, a fazer-lhe ameaças, que elle se envergonharia de executar. Mas no meio das consolações que procurava dar-lhe, foi interrompido pelo som, tres vezes repetido, da trombeta, que tinha dado alarme ao mesmo tempo a todas as pessoas do castello, e que os tinha sustado na execução dos seus planos. Dos trez confederados, Bracy foi talvez o que menos sentiu esta interrupção, pois que a sua conferencia com lady Rowena tinha chegado a um ponto, em que lhe parecia tão difficil continuál-a como rompêl-a.

Agora não podêmos deixar de dar aos nossos leitores algumas provas mais fortes, do que os incidentes da nossa historia, para os convencer da verdade do triste quadro dos costumes d'esta época, que aqui acabâmos de traçar. E custoso pensar que estes valentes barões que, pela sua nobre resistencia ás pertenções exageradas da corôa, asseguraram a liberdade da Inglaterra, e os privilegios do povo inglez, fossem elles mesmos os seus oppressores, e se tornassem culpaveis de excessos contrarios não sómente ás leis do paiz, mas ás da humanidade. Porém, basta-nos só lêr nas obras do judicioso Henrique uma das numerosas passagens, que elle recolheu nos authores contemporaneos, para provar que a ficção mesmo póde apenas attingir a sombra horrorosa d'estes tempos desastrosos.

A descripção feita pelo author da chronica saxonia a respeito das crueldades exercitadas, no reinado de Estevão, pelos grandes barões e senhores dos castellos, que eram todos normandos, deu uma prova irrecusavel dos excessos, de que elles eram capazes na violencia das suas paixões.

— Vexavam o povo, diz elle, forçando-o a construir castellos; e quando estavam edificados enchiam-nos de perversos, ou para melhor dizer de diabos encarnados, por quem faziam agarrar os homens e as mulheres que suspeitavam de ricos, lançavam-nos nas prisões, e faziam-lhes soffrer tormentos mais crueis do que martyr nenhum soffreu. Soffocavam alguns na lama, suspendiam outros pelos pés, pela cabeça, ou pelos dedos polegares, e accendiam debaixo d'elles um grande brazeiro. Algumas vezes rodeavam-lhes a cabeça com cordas cheias de nós, que apertavam até que lhes penetrassem até os miolos, ou os lançavam em subterraneos cheios de viboras, de serpentes e de animaes damninhos.

Seria demasiado cruel condemnar os nossos leitores a ler o resto d'esta medonha descripção.

Outra prova, e talvez a mais forte, que possâmos dar dos fructos amargos da conquista, é que a imperatriz Mathilde, ainda que filha do rei da Escossia, e depois rainha da Inglaterra e imperatriz da Allemanha; filha, mulher, e mãi de monarchas, foi obrigada durante a sua residencia em Inglaterra, para se educar, a tomar o véu, como unico meio de escapar aos perseguimentos licenciosos dos nobres normandos. Ella allegou este motivo perante o supremo conselho do clero inglez, como unica razão da sua profissão religiosa, e o clero reunido admitiu a validade d'este meio, e reconheceu como verdadeiras as circumstancias que a tinham determinado a fazer votos de que reconhecia a nullidade. Era isto dar uma prova authentica da licença vergonhosa que fez a oppressão d'este seculo. Era geralmente reconhecido, segundo se diz, que depois da conquista da Inglaterra por Guilherme, os normandos que vieram com elle, altivos com uma tão grande victoria, não conheceram outras leis senão as das suas paixões. Não só despojáram dos seus bens e das suas terras os saxonios que tinham vencido, mas atacavam mesmo abertamente, e do modo mais brutal, a honra de suas mulheres, e de suas filhas. D'ali resultava muitas vezes que as viuvas, e as filhas da antiga nobreza do paiz, se retiravam para um convento, e tomavam lá o véu, não como resultado d'uma inclinação para a vida monastica, mas porque era o seu unico recurso, afim de conservarem intacta a sua honra.

Tal era o estado dos tempos, attestado pela declaração publica da assembleia do clero, que nos foi transmittida por Eadmer. Nós julgâmos pois não ter necessidade de procurar outras provas para demonstrar, que as scenas que acabâmos de traçar, e as que ainda temos que referir, pela authoridade do manuscripto menos autentico de Wardour, não offerecem nada que não seja verosimil.

XXIV

Como o leão á leõa hei de adorarte.

Douglas.

Em quanto se passavam as scenas, que acabâmos de descrever, nas differentes partes do castello, a judia Rebecca esperava o seu destino na torre mais solitaria e sombria, que ali havia. Tinha sido conduzida para lá por dous *dos seus raptores disfarçados*, que a fizeram entrar em uma pequena camara, onde se achou em presença d'uma velha sibylla occupada em fiar, e que cantava resmungando uma cantiga saxonia, como para acompanhar o movimento do seu fuso. Ella ergueu a cabeça vendo entrar Rebecca, e lançou sobre a bella judia um olhar maligno e invejoso; accolho ordinario que fazem a mocidade e á belleza a velhice e fealdade, quando se acham reunidas a disposições malfazejas.

— Vamos, carocha, levanta-te e parte, disse um dos conductores de Rebecca, o nosso nobre amo o ordena; é preciso que cedas o logar a uma hospeda mais bella do que tu.

— Sim, respondeu a velha com um tom motejador, é assim que se reconhecem os serviços. Houve tempo em que uma só palavra minha teria feito expulsar o melhor homem d'armas do palacio, e hoje devo estar ás ordens do ultimo criado das cavallariças.

— Senhora Urfried, redarguiu o seu companheiro, não se trata de raciocinar, mas sim de obedecer, e já. É necessario ter as orelhas álerta para ouvir as ordens d'um amo. Tiveste o teu tempo como qualquer outra; o teu sol teve o seu meio dia, mas agora está no seu occaso. Pareces-te com o velho cavallo de batalha, que acaba por se reformar; correste a galope, e agora estás apenas em estado de ir a trote. Vamos, apressa-te, e trota d'aqui para fóra.

(Continúa)

CORREIO DE LISBOA

14 DE SETEMBRO DE 1888.

O que ha de mais importante é ainda o resultado do emprestimo. Ainda se não apurou a subscripção na sua totalidade. O que está verificado é ter sido coberto 10 vezes.

Sobre os trabalhos empregados para desorganisar o mercado dos nossos fundos externos e para demonstração do malogro d'essa tentativa, dá a seguinte nota o *Diario Popular:*

> Ficaram hontem a 64 7|16 e 64 1|2, não obstante a alta do juro a 4 0|0, no banco de Inglaterra, devida á importante *drain* de oiro para os Estados-Unidos. A cotação de ante-hontem ao fechar da bolsa foi tambem de 64 1|2, isto é, mais 7|16 que a da abertura e 5|8 que a ultima da vespera.

A' ultima hora sei que as obrigações subscriptas, no paiz e no estrangeiro, foram dois milhões e quinhentas mil. As convertidas são 170 mil. Como se vê o exito da operação foi completo, e excedeu ainda a espectativa dos que melhor a phantasiavam. Como é uma demonstração cabal do credito de que gosa o paiz, estamos convencidos de que todos nos acompanharão nas felicitações ao sr. ministro da fazenda, que com tão superior criterio preparou e escolheu esta occasião de lançar o emprestimo.

— A familia real portugueza passa bem na Italia. N'este grande paiz os reaes hospedes são tratados como naturaes. Os regios viajantes devem chegar a Lisboa na primeira quinzena de outubro, antes do anniversario da sr.ª D. Maria Pia. Suas Magestades demoram-se ainda alguns dias em Italia e embarcarão em Genova na corveta couraçada *Vasco da Gama*, seguindo para Barcelona, onde se demorarão quatro ou cinco dias. Depois visitarão a côrte de Madrid, onde apenas se demorarão, provavelmente, um dia, regressando depois a Lisboa pelo caminho de ferro.

— A princeza D. Amelia pediu para lhe serem apresentadas as tres senhoras da colonia ingleza que, no domingo passado, salvaram os tripulantes do bote que se ia afundando em frente de Aldeagallega.

— N'um dos ultimos numeros do *Figaro* lê-se o seguinte:

> «Vemos n'um jornal portuguez que o sr. visconde de Faria, consul geral de Portugal em Paris, ha 12 annos, foi nomeado para exercer egual cargo em Inglaterra. Esta noticia causará vivo sentimento tanto no mundo diplomatico e governamental como na alta sociedade parisiense, onde o sr. visconde de Faria e sua familia contam numerosas sympathias.»

Isto depõe nobremente a favor de um portuguez dignissimo.

— O sr. Camillo Verdier officiou á camara municipal de Lisboa, declarando, em nome do syndicato financeiro que vae emprehender a construcção do viaducto metallico de S. Pedro de Alcantara á Graça, que, acceitando, em geral, as novas condições que a camara havia imposto á sua proposta primitiva, não póde, todavia, acceitar entre outras a da entrega, no praso de 40 annos, das lojas que se construirem no viaducto, para as quaes havia pedido a propriedade perpetua. Declarou mais: que não faz questão da perpetuidadade, comtanto que seja maior o praso para a entrega das passagens e das lojas; que não concorda que a camara se reserve o assentamento das vias, e que, quanto ao caderno de encargos, só o poderá acceitar depois de tomar d'elle conhecimento. Pede, por esses motivos, o sr. Verdier, que esses pontos sejam esclarecidos, e declara que fará o deposito de 30:000$000 no acto da assignatura do contracto, conforme a resolução da camara.

— No dia 16, ao meio dia, no edificio da escola do Conde de Ferreira, em Oeiras, ha-de effectuar-se uma reunião de admiradores do heroico patrão Joaquim Lopes, para se decidir o modo de levar a effeito o projectado monumento ao velho athleta do mar. Já aqui dei noticia d'esta ideia e applaudi-a com enthusiasmo. O glorioso plebeu, o intrepido velho que tantas vidas tem arrancado ao mar, bem merece esta honrosa homenagem. Consola este preito de justiça ao homem humilde do povo, que o valor, a abnegação e o fanatismo da humanidade tão altamente ennobreceram. Em vida, só elle talvez terá tido aqui um monumento, exceptuando, é claro, o monarcha a quem o Marquez de Pombal lisonjeou com uma obra prima de bronze e marmore.

— A commissão dos padeiros conferenciou um d'estes dias com o sr. ministro da fazenda. Sobre o assumpto nada de novo se tem passado. Tudo caminha regularmente.

— E' muitissimo grave o estado de Vicente Roberto, que, na ultima corrida da Figueira, foi colhido por um touro, ficando com duas costellas fracturadas. Tem ido muita gente informar-se do estado do distincto toureiro, figurando na lista dos visitantes em 3.º logar, o sr. ministro da guerra e em 4.º o sr. conde de Prime.

— Parece que não vinga e que vae por agua a baixo o projecto de ponte Verdier, entre S. Pedro de Alcantara e a Graça. Findava ante-hontem o praso para o deposito de 30:000$ condição *sine qua non* a que a camara sujeitára o sr. Verdier ao dar-lhe a concessão. Durante estes trinta dias nenhum protesto nem reclamação foi por elle feita, e no dia em que expira o praso, em vez de entrar em cofre com o deposito como lhe cumpria, entrou na camara, de officio em punho, pretextando não acceitar a modificação que se fez á clausula 7.ª da sua proposta, e que diz assim: *no fim d'este periodo (40 annos) a ponte ficará sendo propriedade plena da camara municipal. Os armazens continuarão a ser propriedade do concessionario.* Esta condição modificou-a assim a camara: *As galerias ficam pertencendo á camara nó fim do mesmo praso.* Ora aqui está o que o sr. Verdier entendeu á ultima hora que lhe não convinha. Sempre me quiz parecer que é no que isto havia de parar. Em todo o caso veremos o que sae d'isto, e se n'este sentido a camara toma alguma deliberação conveniente, pois consta que ha outra companhia que pretende tomar a empreza.

— A bordo do vapor *Portugal*, vieram de differentes pontos de Africa os seguintes passageiros do Estado: srs. Luiz Gomes da Silva Sanches, thesoureiro geral da junta de fazenda da provincia de S. Thomé e Principe, conselheiro Antonio Duarte Ramado Curto, chefe do serviço de saude da provincia de Angola, João Maria da Conceição Lucas, alferes do quadro de commissões da provincia de Angola, José Teixeira de Sampaio de Albuquerque, capitão da guarnição da provincia de Moçambique, Manuel Joaquim Lino, patrão-mór e thesoureiro do districto de Benguella, e Luiz Palhares Malheiro Brandão, ajudante de conservatoria da comarca de Mossamedes.

— Estão quasi completos os trabalhos da circumscripção do sul pela commissão da exposição de vinhos em Berlim. Provavelmente irá representar esta circumscripção o sr. Pery Camara.

— Noticias de Marianes, no Alemtejo, a pequêna distancia da mina de S. Domingos, dizem que tem ali ultimamente grassado uma doença desconhecida, e com symptomas terriveis. Acommette de subito, e faz soffrer os atacados horrivelmente. Poupa os homens. Tem feito já bastantes victimas, todas mulheres novas. Ha dias de serem atacadas 10 raparigas.

— Falleceu na terça-feira, pelas 2 horas da tarde, o sr. conselheiro José de Beires, chefe da 1.ª repartição no ministerio da marinha. O sr. Beires exercera, por muito tempo o cargo de governador civil de Faro, Portalegre e Aveiro. Foi um magistrado honrado e digno.

— Foi atacado de uma congestão cerebral o sr. general de divisão João Pinto Carneiro. O seu estado é gravissimo. Governou ha pouco a 2.ª divisão.

— No quartel de infanteria 5 teem-se feito experiencias com a espingarda Kropatschek, sobre a rapidez do fogo. Estas experiencias serão seguidas de outras, depois dos exercicios tendo por fim fixar na nova ordenauça de infanteria a rapidez de diversos fogos. Parece ter-se já concluido que, com esta nova arma, se póde desenvolver uma velocidade de fogo egual á da espingarda Lebel, com que se está armando o exercito francez.

— Em Lourenço Marques torna-se muito sensivel a falta d'um advogado. Segundo dizem d'ali, além da clientela particular, que um advogado de certo encontrará, poderá elle tambem tratar das coisas do municipio para o que se acha inscripta no respectivo orçamento a verba de 360$000 reis annuaes. Vê-se que o logar convida.

— A's 3 horas da tarde de hontem, embarcou no vapor da carreira de Cacilhas o carpinteiro do arsenal Francisco Paula dos Santos. Ao chegar o vapor ao meio do Tejo, precipitou-se á agua. Uma filha que o acompanhava gritou por soccorro. O vapor parou logo, e acudiram então os escaleres da corveta *Bartholomeu Dias*, conseguindo salvar-se o homem.

— O bibliothecario em chefe da Universidade de Roma, mr. François Carta, solicitou do sr. ministro da justiça, para a collocação de leis d'aquelle estabelecimento scientifico, um exemplar do novo codigo commercial.

— Foi feito convite ás praças dos corpos para irem servir na guarda municipal de Lisboa, pelo tempo que lhes faltar para completar a do seu alistamento. Devem ter as seguintes condições: altura minima 1,m68 para cavallaria e 1,m60 para infanteria, bom comportamente, a sufficiente robustez e menos de 15 mezes de praça.

— O ministerio da guerra determinou que seja fornecida lenha para fogos ás forças da brigada mixta durante o exercicio, regulando-se a quantidade pelo que dispõe o regulamento de fazenda militar de 1864, o qual na tabella n.º 24 dá para cada praça o maximo de 4,k428 de lenha na estação invernosa. Não será fornecida palha para camas, visto que, se o estado atmospherico não permittir o bivaque, as tropas serão acantonadas.

— Ordenou-se que os corpos requisitem ao commando geral de engenheria os artigos necessarios para se fazer o café para as praças nos proximos exercicios de brigada; devendo taes artigos ser conduzidos nas equipagens regimentaes.

— Por falta de pessoal foi concedido pelo ministerio da guerra que os esquadrões de cavallaria 4 que devem tomar parte nos exercicios de brigada sejam compostos de 3 pelotões, em logar de 4, como havia sido determinado.

— Na proxima semana devem começar os exercicios dos regimentos de manobra, e ainda não foi estabelecida qual a collocação dos diversos graduados nas differentes formaturas que os regimentos podem tomar. Não ha uma ordenança especial de regimento e apenas na 4.ª parte da ordenança d'infanteria (escola de brigada) se diz que as formações e evoluções determinadas para as brigadas, são applicaveis aos regimentos de dois ou mais batalhões; porém tambem ali se diz que o tenente coronel commanda o 2.º batalhão, e hoje os chefes dos batalhões, pela nova organisação, são os majores; emfim convém que se determinem os logares que devem occupar os diversos individuos nos regimentos de manobra, para que haja a uniformidade precisa.

— Uma força de 100 praças d'infanteria 23, com o competente pessoal, foi mandada marchar para esta capital, para fazer o serviço de guarnição, deixando os regimentos livres para poderem executar os exercicios preparatorios e o da brigada.

— Diz-se que já se não deseja reformar, apesar de o haver pedido, o coronel d'infanteria 23, sr. André Francisco Godinho. Reconsiderou.

— Sobre o contracto Verdier ha agora o seguinte:

Depois de varias peripecias, que em outra occasião dariam larga leitura, foram hoje entregues na caixa geral dos depositos os 30:000$000 de garantia para a construcção do viaducto. A entrega foi feita já a hora bastante adiantada. Como se sabe, a camara recusou-se a receber o dinheiro, que se lhe apresentava só hontem ás 5 horas da tarde, porque entende ter sido excedido o praso que estabelecera. O concessionario protesta. E' natural que se siga agora um processo, em que cada uma das partes fundamente o seu proceder, e terá de ser julgado pelas instancias competentes.

— Falleceu o sr. general José Maria da Cunha, ajudante de campo de S. M. el-rei. Contava 67 annos de idade. Por causa d'este obito haverá uma grande promoção na arma de engenheria, sahindo general o sr. Eduardo Craveiro, e generaes fóra do quadro os srs. Latino Coelho e João de Andrade Corvo; coroneis, os srs. José Pedro Lumiar, Couceiro e Costa, Heliodoro Veiga, Elias Garcia, Casimiro Figueiredo, Raymundo Valladas, D. Antonio de Almeida e Manuel José Ribeiro; tenentes-coroneis, os srs. Sant'Anna Castello Branco e Avellar Machado; majores, os srs. Ferreira Castro, Souza Vianna e Jacintho Parreira.

— Falleceu em avançada idade o sr. Marcos Cosmelli, antigo escrivão de fazenda aposentado.

— Regressaram de Pariz os srs. marquez do Fayal.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

O Conego Arcypreste José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, Presidente da Junta de Parochia da freguezia da Gloria.

FAÇO saber que durante 30 dias a principiar no dia 15 do corrente, se acha em cobrança em casa do thesoureiro d'esta junta, José Fernandes Melicio, na rua Direita d'esta cidade a derrama lançada pela junta com respeito ao presente anno de 1888.

Para constar se passou o presente.

Aveiro 10 de setembro de 1888.

José Candido Gomes d'Otiveira Vidal.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgaria Medicinal de Ribeiro Junior.

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de saude Revalesciére* a que nenhuma doença esiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na boxiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis.*»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi nada com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutonts.»

Quatro vezes mais nutriente do que e carne, tendo além d'isso, a particularidada de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida da *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o endereço ao lado.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phco, 102, rue Richelieu, Sor de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phias.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

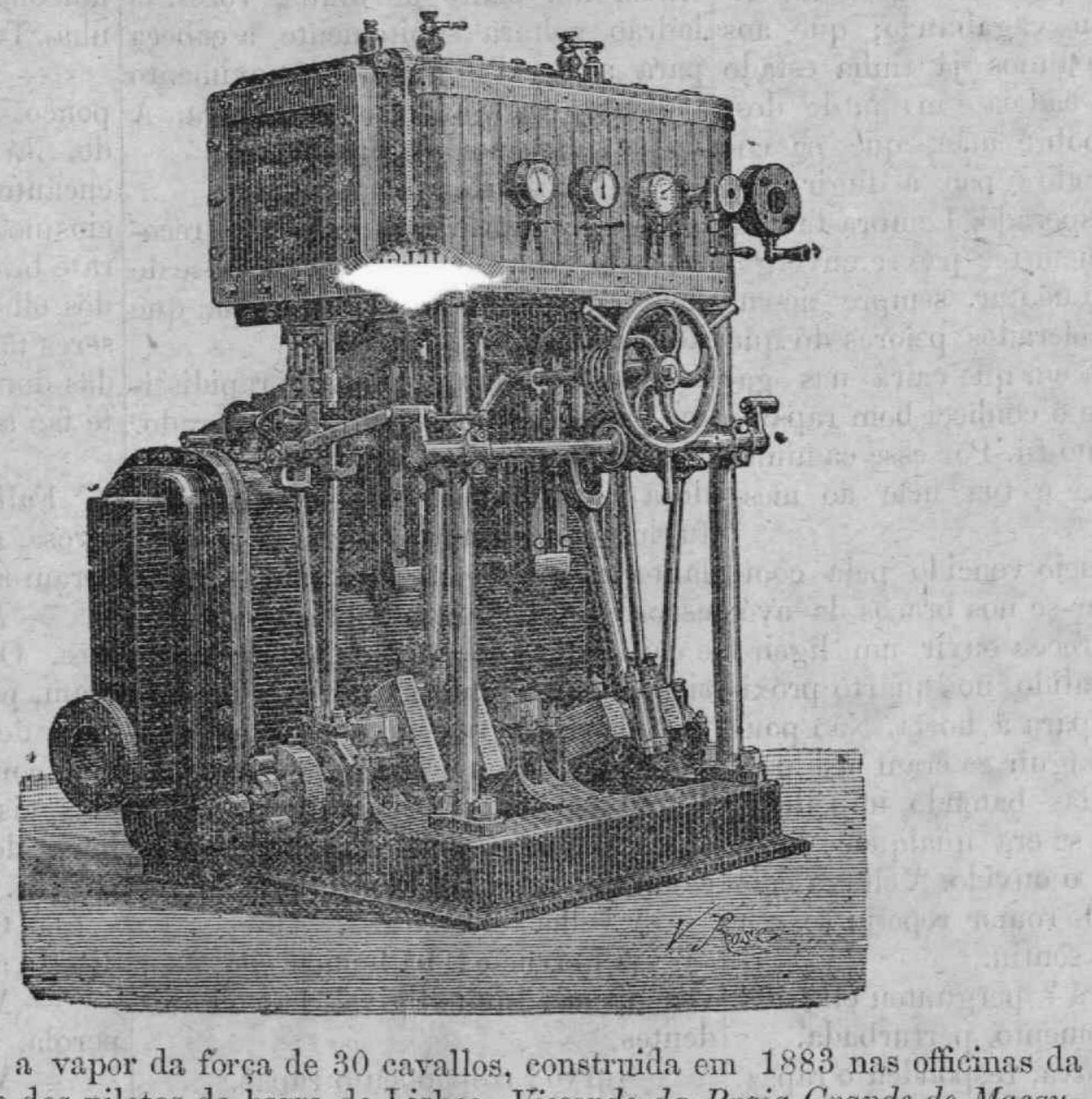
CONSTRUCCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa. *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo,etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY.—Depositos em todas as principaes Phas.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

MAQUINAS PARA COSER
DE LA COMPAÑIA FABRIL
"SINGER"
SIN ESTA MARCA NINGUNA MAQUINA PUEDE SER LEGITIMA
DE NUEVA-YORK
PARA FAMILIAS É INDUSTRIALES

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo.* *Exija-se a assignatura de RAQUIN.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz. Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de *Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis,* PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento

DOENÇAS DO **ESTOMAGO**

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Réis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governe francese e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

AS IRMÃS DA CARIDADE

POR

H. C.

Acaba de publicar-se este folheto, que se vende na Administração d'este jornal.

Preço........ 100 reis

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

ALBERTO PIMENTEL
Atravoz do passado.............. 500
GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889.. 240
EÇA DE QUEIROZ
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes......... 2$000

LIVROS, MUSICAS E JORNAES

As pessoas que desejarem estar em dia com o movimento scientifico, litterario e religoso, nacional e estrangeiro, devem assignar a excellente revista sob o titulo

O MENSAGEIRO LITTERARIO

Esta publicação, além de duas secções—*scientifica* e *litteraria*, collaboradas por proeminentes escriptores, encerra uma outra *bibliographica*, na qual se encontram mencionados todos os livros e musicas que mensalmente vão apparecendo em Portugal, Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha, etc., bem como as novas edições. Condições da assignatura:

Portugal, anno, 2$000 reis; seis mezes, 1$200 reis; Brazil, anno, (moeda fraca) 6$000; seis mezes, 3$600 reis.

Assigna-se na livraria de J. J. de Mesquita Pimentel, rua de D. Pedro, 51 e 53—Porto.

KALENDARIO DOS EMPREGADOS PUBLICOS E DO COMMERCIO

Para o anno de 1889

2.º ANNO

Proprio para carteira

Summario—Kalendario Commercial—Feriados—Dias sanctificados—Adiantamento de vencimentos—Empregos publicos: Direitos de mercê—Emolumentos—Licenças com vencimento—Sello de diplomas—Telegraphos: Estações urbanas em Lisboa—Correios: Vales nacionaes—Ultimas tiragens de cartas—Contribuições de juros nas letras—Sellos em recibos particulares e de vencimento, etc.

A' venda nas livrarias e kiosques. Preço 20 reis. Pedidos ao Kiosque Elegante, Rocio, Lisboa.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 89—Porto.

NINHOS E OAOS

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 16 planchas coloridas, representando 86 variedades d'ovos

Um volume brochado, 1$000 reis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou valles do correio, á livraria—Cruz Coutinho, editor. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço........... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimente

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS
DO
SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem o Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qua foi separado o Conselho d'Estado Politico de Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (*fornecimentos*)=*Celleiros* communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das mais importantes d'esta collecção por que n ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO